

SO LILÓ QUINO

J. O. AQUINO



EDIÇÕES
INESP

J. O. AQUINO

SOLILÓQUIO

INESP

Fortaleza - Ceará

2022

Copyright © 2022 by Inesp

Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o
Desenvolvimento do Estado do Ceará – Inesp

João Milton Cunha de Miranda
Coordenador Editorial

Rachel Garcia Bastos de Araújo
Valquíria Moreira Carlos
Assistentes Editoriais

Luzia Leda Batista Rolim
Assessora de Comunicação

Sandra Mesquita
Revisora

José Gotardo de Paula Freire Filho
Capista, Diagramador, Ilustrador e Projetista Gráfico

Gráfica do Inesp
Impressão e Acabamento

Luiz Ernandes dos Santos do Carmo
Coordenador de Impressão

Edição Institucional da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará
VENDA E PROMOÇÃO PESSOAL PROIBIDAS

Catalogado por Daniele Sousa do Nascimento CRB-3/1023

A686s Aquino, J. O.
 Solilóquio [livro eletrônico] / J. O. Aquino. – Fortaleza:
 INESP, 2022.
 119 p. : il. ; 20.443 Kb ; PDF

 ISBN: 978-65-88252-96-3

 1. Contos. 2. Literatura brasileira – Ceará. I. Ceará.
 Assembleia Legislativa. Instituto de Estudos e Pesquisas sobre
 o Desenvolvimento do Estado. II. Título.

 CDD 869.301

Permitida a divulgação dos textos contidos neste livro, desde que citados autores e fontes.

Inesp

Rua Barbosa de Freitas, 2674 – anexo 2 – 5º Andar

Bairro: Dionísio Torres, Fortaleza - CE, Cep.: 60.130-241

Telefone: (85) 3277-3702 | E-mail: presidenciainesp@al.ce.gov.br

Site: <http://al.ce.gov.br/index.php/institucional/instituto-de-estudos-e-pesquisas-sobre-o-desenvolvimento-do-ceara>

DEDICATÓRIA

Quando comecei a escrever este livro, não sabia ao certo por onde começar. É sempre um desafio escrever algo novo, mas os contos de Solilóquio foram um desafio à parte, porque me propus, desde o princípio, a contar histórias sobre pessoas reais, e não somente personagens. Um livro nunca é uma mensagem vazia. Existe aqui muito aprendizado: para mim, e para os meus leitores. Portanto, dedico este livro a algumas pessoas. Deus, em primeiro lugar, e depois à minha família, às pessoas que acreditam no meu trabalho, e tenho certeza que ficariam felizes em ver-se retratadas aqui.

Dedico, também, a todas as histórias que se perderam nas veredas do sertão. Espero que encontrem seus destinatários. Dedico para todas as pessoas cujas vidas são perpassadas por mar e seca. Para todos que lutam desde o dia em que vieram ao mundo. Para os semblantes marcados pelo sol, chuva e ardor. Para os que mantêm a fé vívida, alimentada pela esperança de dias melhores. Para os corações incansáveis: espero que encontrem conforto nessas linhas.

J. O. Aquino

“O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim:
esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e
depois desinquieta. O que ela quer da
gente é coragem”.

Guimarães Rosa,
Grande Sertão: Veredas

APRESENTAÇÃO

A leitura liberta e transforma, sendo um aprendizado básico para a formação do homem, enquanto cidadão, e abre as portas para a compreensão do mundo. Agora, o estado do Ceará celebra o exemplo de um jovem criativo que escreveu uma obra pontuada entre as mais vendidas, na maior plataforma de comércio de livros do país. O autor, Jonas Aquino, de apenas 19 anos, é ex-aluno da Escola Estadual de Educação Profissional Darcy Ribeiro, onde produzia manuscritos que, hoje, são referências para os novos e promissores autores, representando o Ceará e o Brasil pelo mundo inteiro.

A Assembleia Legislativa do Estado do Ceará – Alece, por meio do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará – Inesp, lança o segundo livro do Jonas. Os acontecimentos ocorrem no Nordeste, com personagens da vida real e histórias do cotidiano, mostrando que o semiárido exerce influência na vida dos protagonistas. A obra é um retrato do homem nordestino e das conexões entre as pessoas dentro do semiárido.

A cearensidade e a inquestionável qualidade literária dos contos levam-nos a reflexões, por meio da identidade cultural. Colaboram para que possamos atingir uma percepção, mais clara, sobre nossa condição existencial.

A Alece, por meio do Inesp, disponibiliza, orgulhosamente, esta obra que leva os leitores a refletirem, criticamente, sobre a memória do povo nordestino, elevando a qualidade da nossa literatura.

Deputado Estadual Evandro Leitão

Presidente da Assembleia
Legislativa do Estado do Ceará

PREFÁCIO

O Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará – Inesp, criado em 1988, é um órgão técnico e científico de pesquisa, educação e memória. Ao idealizar e gerenciar projetos atuais que se alinhem às demandas legislativas e culturais do Estado, objetiva ser referência no cenário nacional.

Durante seus mais de 30 anos de atuação, o Inesp prestou efetiva contribuição ao desenvolvimento do Estado, assessorando, por meio de ações inovadoras, a Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. Dentre seus mais recentes projetos, destacam-se o “Edições Inesp” e o “Edições Inesp Digital”, que têm como objetivos: editar livros; coletâneas de legislação; e, periódicos especializados. O “Edições Inesp Digital” obedece a um formato que facilita e amplia o acesso às publicações de forma sustentável e inclusiva. Além da produção, revisão e editoração de textos, ambos os projetos contam com um núcleo de Design Gráfico.

O “Edições Inesp Digital” já se consolidou. A crescente demanda por suas publicações segue uma média de quarenta mil downloads por mês e alcançou um milhão de acessos. As estatísticas demonstram um crescente interesse nas publicações, com destaque para as de Literatura, Ensino, Legislação e História, estando a Constituição Estadual e o Regimento Interno entre os primeiros colocados.

O livro Solilóquio é mais uma obra que compõe o diversificado catálogo de publicações do “Edições Inesp Digital” e que, direta ou indiretamente, colaboram para apresentar respostas às questões que afetam a vida do cidadão.

Prof. Dr. João Milton Cunha de Miranda

Diretor Executivo do Instituto de Estudos e Pesquisas
sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará

PRÓLOGO

A obra Solilóquio, do querido amigo e escritor Jonas Aquino, ultrapassa todas as expectativas positivas no que diz respeito à originalidade, conteúdo e o dinamismo.

Antes de falar sobre a obra, tenho a necessidade de elogiar Jonas, que tive o prazer de conhecer em uma reportagem sobre novos talentos do bairro onde ele mora. A maneira espontânea de se comunicar, sempre com um sorriso no rosto, é marca constante desse querido morador do bairro Presidente Vargas, em Fortaleza. Jonas é, sem sombra de dúvidas, um dos grandes autores de sua época e quem o conhece sabe que essa história está apenas começando... Se o clássico "Castle High: O Retorno da Espada" conseguiu atingir milhões de pessoas pelo mundo, o seu novo livro Solilóquio concretiza o que todos já sabem: Jonas é um escritor talentosíssimo e sua arte ganhará ainda mais força nos próximos anos.

Essa nova fase de Jonas Aquino mostra o amadurecimento da forma com que o autor busca se comunicar com seus leitores. Solilóquio descreve com verdade e propriedade a vida no sertão. Cada página nos transporta para situações cotidianas de quem vive no interior, distante da correria das grandes cidades. É notável a riqueza de detalhes utilizados para descrever a realidade do dia a dia no sertão, onde se passa a história do livro.

O autor passeia pelo romantismo dos encontros entre casais quase às escondidas debaixo dos juazeiros, as brincadeiras de criança que se encerravam ao entardecer do dia, dando lugar às cadeiras postas em frente às casas simples das pequenas cidades.

Os discursos contidos no livro trazem ainda as belezas das animadas festas juninas, onde a paquera, a comida e a alegria fazem parte da cultura daquele lugar.

Jonas conseguiu unir os elementos essenciais para uma leitura completamente agradável, em um livro que fará parte de nossa literatura cearense, como umas das pérolas de nossa literatura contemporânea.

É com grande alegria e imensa satisfação que eu, Almir Gadelha, participo desse momento tão especial da carreira do amigo Jonas. E como é de costume, termino aqui deixando meu bom cearencês: “esse minino bota é pra lascar!”

Boa leitura!

Almir Gadelha
Jornalista

SUMÁRIO

SERTÃO



PÁGINA 19



NÚPCIAS

PÁGINA 21

**BRINGADEIRA
DE CRIANÇA**



PÁGINA 27



JUNINO

PÁGINA 63

PRÓMESSA



PÁGINA 73

PRIMAS



PÁGINA 83

BRANCO



PÁGINA 31

SENTIDO



PÁGINA 35



MAR E CIA.

PÁGINA 49

TESOURO



PÁGINA 95

MATRIMÔNIO



PÁGINA 111



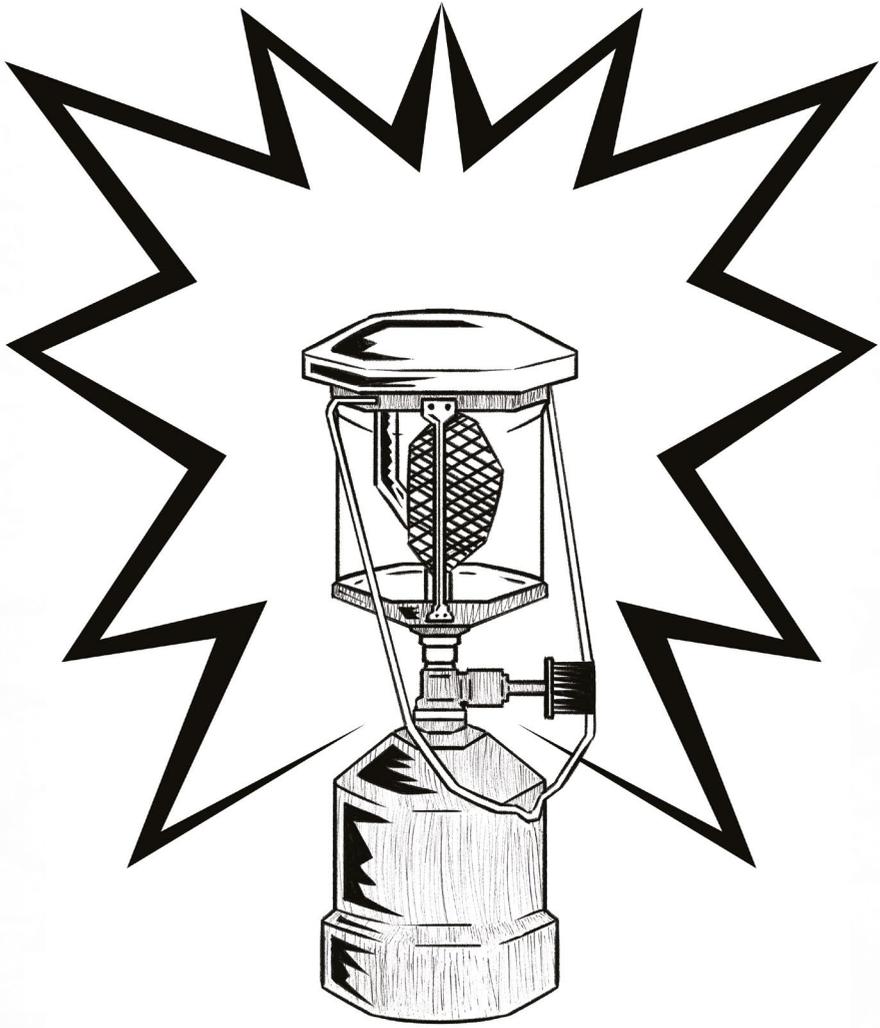
SERTÃO

A areia estende-se em todas as direções, revelando passarelas pela paisagem árida, corredores sombrios de galhos retorcidos e seca. O branco inócuo sobre tudo o que vive balançando, conforme o vento esquálido. Calor subindo em ondas. O sol derrama-se sobre a terra ressequida, que retribui sua luz da maneira que pode. Brisa morna faz bater as palmas, mas, ainda assim, uma cobertura de esperança assoma sobre a vista. Logo, se torna fria a bruma contra a pele e a sola dos pés não mais reclama ante o calor.

Nunca o silêncio. Trinados, balidos, bramidos, pisadas. Espelhos nas paredes, reflexos de um sol, que daqui a pouco irá se pôr. Cheiro de folhas, de rio seco, de terra partida, de solidão.

Agridoce suave penetra as narinas, preenchendo-as de nada.

O Cristo em um séquito de madeira, braços estendidos em direção ao seu companheiro de reinado. Cintila o madeiro, perfura nuvem, rompe a sombra. Mais pedra ao redor, menos vida.



NÚPCIAS

A casa é tão esquálida quanto à paisagem ao seu redor. Não há vida crescendo aqui, nem pasto para o gado, nem bebedouro para os porcos, nem lagoa para gente. O silêncio retumba sobre as paredes de taipa, abraça cada caibro, cada pedaço exposto de barro recém-colocado, cada veio de madeira surgindo como ossos revelados por uma ferida do tamanho de uma janela em um corpo já desfigurado. O vento assobia entre as telhas, seu som rompe o silêncio momentaneamente e empurra para longe um pouco daquela solidude.

Seu Emérito não prometeu luxo a ela. Disse que iriam para o sertão, deixariam a cidade para trás como um sinal da boa vontade em construir uma nova vida e se instalariam na casa da mãe já falecida. Ela não negou o pedido. Sabia que isso o irritaria. Tinha pisado em ovos desde nova, quando o pai agia com a mãe, assim, como Emérito fazia com ela e aprendera a anuir com veemência surpreendente, engolindo o orgulho e qualquer sinal de protesto. Não se orgulhava disso, mas o que era o orgulho se não um luxo? Emérito não prometera luxo.

Eles atravessam a porta de entrada. A casa é pior por dentro. Três cômodos: uma sala, um quarto e uma cozinha. Ambos separados por paredes pela metade, arredondadas em suas extremidades, como se tivessem sido abatidas e modeladas até assumirem aquela forma, à guisa de divisória. Algumas trepadeiras fazem seu caminho sinuoso em direção ao teto, surgindo entre um junco e outro, como serpentes verdes inofensivas. Ela terá que arrumar tudo, e a ideia não poderia ser mais belicosa naquele momento.

Emérito se vira para ela, larga a bolsa no chão e sorri, os dentes pretos alheios ao gesto reconfortante.

– Disse que ia ser boa, a casa.

Isso não é nada bom, ela pensa em dizer. Essas paredes, esse chão, o teto; isso é um disparate. O que pensa que está fazendo? Não somos bandeirantes, desbravando o sertão em busca de uma vida melhor. Não é assim que pensei que começaríamos nossa história de amor, vivendo em uma casa decrepita e vagabunda.

Mas o que ela diz é:

– Perfeita.

O sorriso alarga. Ele a puxa para um abraço firme, os braços grossos como jiboias agarram a cintura dela como se fossem erguê-la do chão. Emérito limita-se em plantar um beijo seco nos lábios dela. Ela não retribui.

A noite baixa sobre o semiárido como um véu de veludo negro. As estrelas pipocam no céu em uma profusão de luz, enquanto a lua descreve seu caminho lento pelo firmamento, lançando raios de fertilidade sobre a terra ressequida. Os dois agora se encontram na varanda, observando o mato seco balançar, conforme a brisa gélida, indo de um lado para o outro em uma dança hipnótica e ébria.

Ele é o primeiro a quebrar o silêncio. *Ele sempre quebra as coisas primeiro*, ela pondera com seus botões.

– A gente se acostuma com isso aqui. — Emérito indica o terreiro.

Há certa tensão no silêncio desta noite em específico; é como o instante exato antes de uma bomba explodir,

ou de uma tempestade desabar furiosa sobre o chão. Ela não sabe dizer se essa sensação surge só agora ou apenas quando está perto dele.

— Certeza. — Diz ela.

Emérito lança um olhar de esguelha. Os olhos azuis cintilam sob a baixa luminosidade. O crepúsculo não lhe cai bem, ela observa. Sua tez alva se contorce em um tom enjoativo de cinza, as maçãs do rosto proeminentes encovam sua face e os olhos profundos, parecem poços sem fundo ao encará-la. Não há beleza nisso. Há selvageria, ameaça, aviso. Ela se contorce no banco de madeira, quebrando o encanto entre os seus olhares.

— Já pensou querida? Os meninos tudo correndo por aqui, — suas mãos cortam o ar em um gesto grandiloquente. — Tudo levantando poeira, subindo nos pés de pau.

Novamente, os olhos dele procuram nela alguma retribuição. Ela sorri. Ele gosta quando ela faz isso; retira o cabelo preto do ombro, joga-o para trás e dá um sorriso tímido, de canto de boca, apenas uma linha fina de porcelana.

Emérito, dando-se por satisfeito, cruza os braços sob a cabeça e se encosta na parede, inclinando um pouco o banco. Eles passam um tempo assim, observando o nada, o vento fazendo cócegas na pele desprotegida, os olhos cheios daquela branquitude extensa.

Quando as horas avançam, eles entram. A casa ainda parece decrépita, ainda parece querer desabar, encerrá-los em sua efemeridade e descuido.

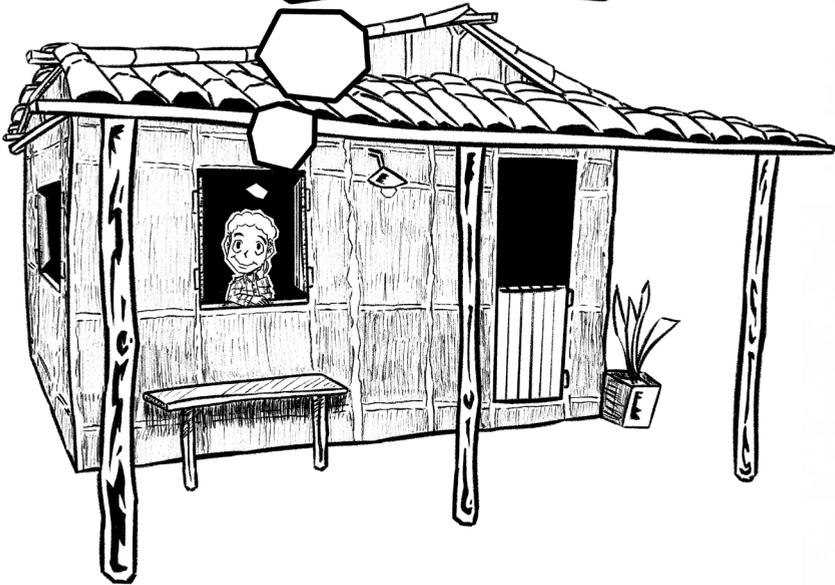
Os dois armam a rede uma ao lado da outra. Ela testa o pano, vê se aguenta firme. Respira fundo ao se deitar,

as pernas estiradas, os braços colados ao corpo. Se alguém a visse de cima, pensaria se tratar de uma boneca de pano em tamanho realista, com o vestido florido da avó e a compleição terna. Em nada combina com o homem ao lado.

Ela o espera. Emérito não parece lembrar-se de sua existência. Ele coloca o lampião a gás no canto da parede, longe das duas redes, e depois se acomodar em seu leito. O cansaço da viagem deve tê-lo vencido. Quando o som de sua respiração começa a ficar mais ruidoso e o silêncio se torna uma pintura riscada pelo crocitar dos bichos e o ruminar do vento nas paredes, ela se permite relaxar. Hoje, ele não virá.

Ela muda de posição na rede. O sono não demora a vir. O nada, novamente, inunda a casa, rescinde nas paredes marcadas, nos choupos à mostra, na dilapidação do solo. A chama brilha próxima à parede, e então não se encontra mais lá. Ela caminha com passos suaves, porém, firmes. Há convicção infiltrando-se em seu sangue, preenchendo as veias de coragem e ardor. A chama tremula quando é colocada no chão entre as duas redes e, naquele instante, é como se ela gritasse.

Os dois amantes dormem em seus leitos. Não há uma perturbação que poderia acordá-los naquele estado de inércia. O silêncio se expande e é o primeiro a quebrar. Depois o crepitar e o primevo casamento.



BRINCADEIRA DE CRIANÇA

A brincadeira começava quando João saía da casa da mãe. Geralmente, o fazia por volta das três da tarde, depois que a mãe lhe preparava o café e o dispensava com os mesmos “Vai-te menino, vê se some daqui!”, “Se voltar tarde já sabe...”, “Pode ir, pare de aperrear...!”. João compensava a boa vontade da mãe disparando pela porta da frente, que era metade barro e metade linhas transversais de madeira de Carnaúba.

Lá fora, no terreiro, embaixo do imponente juazeiro, Maria, Francisco, Dora e Luís o esperavam. Dora e Maria não compartilhavam os mesmos gostos dos moleques: quando Luís jogava no chão a bola de meias que surrupiara do pai, as duas subiam na carroça encostada aos pés da árvore e ali faziam seus palacetes. Dora dizia ter dois maridos, um para a semana, e outro para quando viajasse para longe de Brodowski, de preferência à Caxias, onde a mãe afirmava fazer frio. Maria não era muito chegada aos meninos. Brincava de ser mulher independente, de bota de couro e chapéu na cabeça. Se desse sorte, até montava no próprio cavalo.

Enquanto isso, os três meninos corriam sob o sol quente, pelando o cucuruto. Luís ficava no gol. Não tinha talento com as pernas rechonchudas, acabava sempre sufocando enquanto estrebuchava no chão. Francisco era artilheiro: fazia gol lá do meio do campo. Seus lances eram perfeitos, quase nunca errava um chute. João fazia de tudo um pouco: uma hora era meia, noutra era volante, e até se arriscava com pinta de zagueiro. Era o preferido da arqui-

bancada. A cada gol, subia uma onda de ovações, e cada torcedor tinha nos lábios o nome dele. Repetiam-no: João, João, João! Era puro gozo.

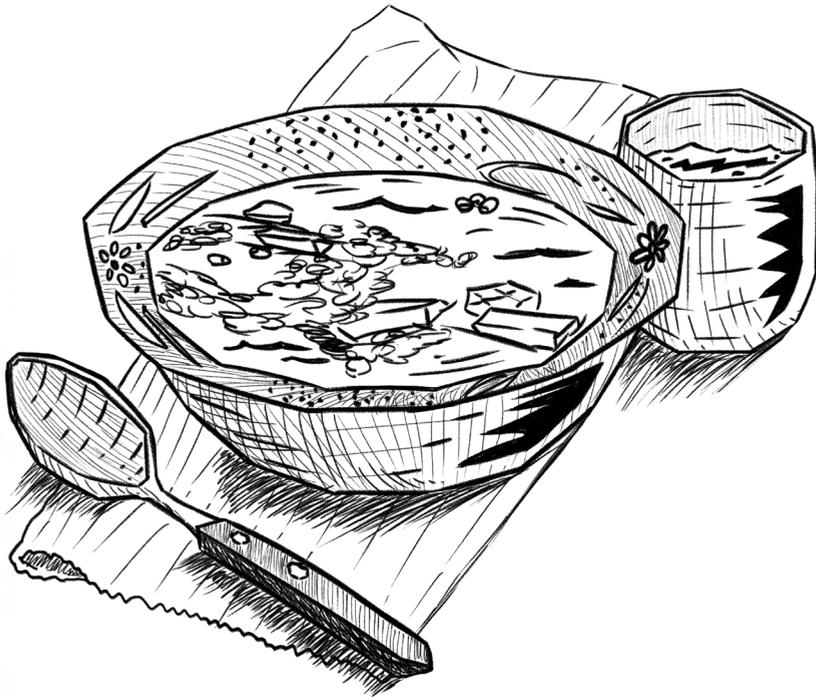
A brincadeira durava até às seis. Assim que o sol baixava, a capela ganhava vida. Seu chamado ressoava pelo povoado, alertando-os que o sagrado logo estaria ali. As mulheres eram as primeiras a sair como animais noturnos em procissão rumo à construção de pedra azul. Depois, era o grito da mãe, e não o da multidão: João!

O menino não se despedia dos amigos porque aquilo não era uma despedida: moravam juntos, podia vê-los pela janela de taipa, e sempre que os via, sorria. Era assim que lhes dizia: vejo-os amanhã. Os amigos não retribuía.

A mãe não acreditava em Deus. Desde que o pai se fora, vítima da tuberculose, a mulher abstivera-se do Salvador. Repetia: “não pode Ele ter-me feito isso”, “Por que se és Senhor, deixou-o ir?”, “Para os quintos, tudo isto!”. João não a repreendia. Sabia que sofria, e deixava-a sofrer. Aprendera cedo, que carpir é remédio melhor do que falsa motivação. A dor por si só cura-se, e quando o choro torna-se riso outra vez, aquela demora a voltar. Se voltasse.

Como um véu, a noite engolia a tudo e a todos. Cobria de escuridão o povo, e tão logo os levava para o seu mundo. João tomava banho de cuia, vestia o pijama esburacado e pedia a benção à mãe. Dizia “boa-noite”, e largava-se na rede vermelha. Os sonhos eram embalados pelo som da mata, e a promessa de um amanhã renovado, faziam-no dormir sorrindo.

Dormia imediatamente, para nunca mais acordar. Gastara as últimas energias brincando, mais cedo.



BRANCO

Ele caminha sozinho, os pés mascando um chão tão aldegado quanto o sol sobre a sua cabeça. A areia branca, inclemente, penetrando o couro dos seus pés, fervilhando entre as juntas, consumindo a carne descoberta. A grande ausência estendendo-se por todos os cantos, de dentro para fora, tomando a forma de braços ressecados, desfigurados, tortos, sem sentido.

Suor caindo em bicas, mão esfrega, limpa, respira. Olhos que quase não veem, uma sombra arranjada, direita, direita. Passos arrastados, trôpegos. Ferro e madeira no ombro, madeira e ferro no peito. Num arroubo de selva-geria, expande a abertura, encara a palescência sufocante. Agora há mais água. Dentro de si, desaba mais quentura contra a mão estendida, dor.

Não pode parar. Expira, puxa o ar, levanta e continua andando.

Um quilômetro, dois. Empurra porteira, range a fechadura. Revela casa, multiplicada em três. Taipa, tijolo, tijolo. Vermelho, azul, verde. Nenhum branco, só em redor, encerrando-os, dizendo-lhes: “sois meus”.

Deixa aberta a porta, afasta-se para deixar o motor passar. Mil cavalos dizem que cabem ali dentro. Ele não acredita. Faz sinal da cruz quando enverga o semblante, sente falta da noite, escura como a máquina que o ultrapassou em sua procissão.

Duas serpentes translúcidas dando-lhe as boas-vindas, esquerda ou direita? Esquerda. Sombra serpenteando

sobre si, folhas mortas aos montes, prédio branco (o maldito branco!) à sua espera.

Mais água, agora é um novo homem. Entorna caldo escuro, amarelado, com pedaços de bicho boiando na superfície, empurrando a verdura para a borda do barro, como se disputassem o espaço ali. Em vão: grandes lacunas pedindo ajuda, uma palma estendida, um tempero, algo sólido.

Dorme.



SENTIDO

Aromaria começa às 15, que é a hora em que Cristo morreu. As pessoas aglutinam-se embaixo do juazeiro, esperando as palavras do sacerdote para liberá-los e adiantá-los pela estrada. Alguns moleques percorrem as pernas dos mais velhos, as cabeças baixas, confabulando alguma travessura enquanto a cerimônia não começa. O restante do povo mantém conversas régias uns com os outros, ora falando sobre a última leva de poços artesanais do governo, ora sobre a forragem que começa a findar.

Zé Luís está ao lado de Maria Marta, fingindo prestar atenção ao discurso enfadonho da mulher. Vez ou outra ele lança a ela um olhar levemente curioso, para então voltar ao seu fingimento habitual, distante de toda a falação sobre Dona Etelvina, que acabou de perder um neto para a fome. Esse tipo de notícia não o diverte. Há algo profundamente errado no fato de uma criança morrer dessa forma, mas ele não comenta muito sobre isso. É um homem de poucas palavras. Seu silêncio cobre os seus passos como uma sombra, e escorre dos seus lábios com a suavidade de uma brisa.

Maria Marta não liga para a indiferença do marido. Suas respostas monossilábicas são mais comuns do que a seca. Ela só não se importa o suficiente para levantar palavra; contanto que ele continue fingindo ouvi-la, ela continuará a falar. É o contrato silencioso dos dois. A mãe de Maria Marta alertou-a quanto ao temperamento daqueles homens do Lagedo. O próprio pai dela, seu Antônio, fazia o mesmo tipo: sisudo, de cenho quase sempre franzido e respostas rápidas na ponta da língua. Nenhum dos dois

era boa companhia para diálogo, exceto um para o outro. Mas, no fundo, isso não importava. Zé Luís é bom marido, cumpre com as obrigações, e a mãe dela a mandou ficar agradecida quanto a isso. O pior era quando eles eram bêbados violentos. Zé Luís é calma, apesar do silêncio aborrecido constante.

O sacerdote sai da capelinha, acompanhado por um acólito de preto e um semblante pétreo. Suas mãos carregam um turíbulo prateado, cuja fumaça é soprada pelo vento em grandes lufadas esbranquiçadas. A maioria do povo gosta disso, embora algumas mãos se ergam para afastar uma boa parte da fumaça, que faz os olhos arder levemente.

A multidão abre espaço para o sacerdote passar. Alguns baixam as cabeças em sinal de respeito, e Zé Luís se vê obrigado a tirar o chapéu de palha. Maria Marta lança a ele um olhar venenoso, muito ciente do quanto ele detesta isso.

Após o falatório habitual sobre Cristo ter ressuscitado e, com isso, ter salvado a humanidade do fogo infernal, a procissão começa. Os meninos já pararam de correr e agora se agarram aos calcanhares dos pais. Os mais velhos fazem um caminho lento, porém, firme; os ramos de palmas balançando ao sabor do vento sobre as suas cabeças, seguros por mãos esqueléticas e trêmulas.

Zé Luís anda ao lado de Maria Marta, o cenho franzido, mesmo com o chapéu de volta ao topo da cabeça. Maria pensa em agarrar o braço dele, juntar o corpo ao seu, mas sabe que isso seria estranho para ele. Os toques eram noturnos, não havia promessas, apenas suspiros e depois o vazio entre eles. Não é uma vida ruim, ela sabe, embora creia que ela, ao menos, poderia ser um pouquinho melhor.

Maria volta sua atenção para a estrada adiante. Uma charrete puxada por dois jumentos frágeis como gravetos é a condução do padre; o acólito segue na traseira dele, caminhando junto ao povo, puxando o coro de músicas sacras para sua multidão de fiéis.

Pelo canto do olho, Maria Marta observa os lábios do marido se abrirem alguns centímetros, moverem-se milimetricamente, em alguma canção tão baixa que talvez nem Deus consiga ouvir. Ela quase cutuca as costelas dele, a fim de exigir um pouco mais de respeito, mas ele apenas responderia com um sorriso envergonhado, uma frase de troça, e um olhar secreto de gelo. Não valia a pena o esforço e nem a consideração.

Desse modo, ela dirige o olhar para frente da procissão, onde as crianças se amontoam ao redor dos adultos e o povo parece mais concentrado na cerimônia. Mal se passam dois minutos, e Francisca surge ao seu lado, os lábios cingidos no costumeiro cesto de iminente fofoca. A mulher se inclina mais para ela e sussurra:

- Tu soube?
- Do menino?
- Uhum.
- Claro que soube. A fazenda toda tá falando disso.
- Coisa triste...
- Tão novo...
- Uma pena, mesmo.
- Cadê a mãe dele?

Maria Marta gira sobre os calcanhares brevemente, o olhar percorrendo a multidão, até fixar-se em uma figura pálida vestida de branco, trazendo uma vela em uma das mãos, enquanto a outra segura um ramo.

– Ela parece abatida.

– Você não pareceria também? – diz Francisca, os olhos levemente arregalados.

– O padre vai dar a bênção.

– Ele já deu, assim que o menino morreu.

– Mas hoje é a missa de sétimo dia.

– No domingo de ramos? Que chique.

– Não tem nada chique nisso, Francisca.

A mulher dá de ombros, apática. Francisca tem esse talento especial de parecer indiferente às situações ruins que a cercam. Maria não a culpa; queria ser como ela.

– Cadê o pai do menino?

– Bebendo desde o dia da morte.

– Que horror!

– A cachaça parece consolar ele melhor que as palavras do padre.

– Francisca!

– Que foi? Tô mentindo?

Maria Marta balança a cabeça. Não, ela não está. Mas pronunciar esse tipo de coisa no meio de uma cerimônia

religiosa parece o tipo de desventura, que leva o sujeito para o inferno, e Maria já está farta de calor.

– E os outros filhos da cumadre?

– Um deles veio da capital. Zé Pedro, o mais velho.

– Ela não tem três?

– O restante disse que tava ocupado.

– Coisa triste...

– Zé Pedro ficou tão abalado com o que aconteceu, que até trouxe umas doações do povo da cidade.

– Que bom, não é?

– É ótimo. Ao menos, a bichinha vai ter o que comer direito daqui pra frente.

A procissão dobra uma curva. O caminho estende-se diante da vista como uma serpente albina, cheia de buracos ressequidos e entradas para o mato seco. O coro de vozes rompe a palidez da paisagem como o canto fúnebre de um pássaro, abastecido pelo ímpeto intrínseco do povo, pela força motriz em constante ascensão dentro de seus peitos inflamados. O madeiro do Cristo alcança o céu em um arco, rodeado de flores mortas e alguns fitilhos especiais de São Francisco. Embora o Santo não possa ser visto ao lado do Salvador, sabe-se que seu lugar de honra está marcado na capelinha, coberto pelo pano arroxeadado característico da época.

A canção retumba.

“Hosana ê, Hosana ê, Hosana, Cristo Senhor!”

A voz desafinada de Francisca acompanha o ritmo da canção, enquanto Maria Marta deixa os pensamentos vagarem até onde a mãe do menino se encontra. Se fosse nesse lugar, será que estaria também cantando canções ao Cristo? Talvez, não. Seu coração estaria envenenado de amargura, conspirando contra a crueldade da vida e das escolhas do Divino. Ela conhece a si mesma bem o suficiente para entender de suas limitações. Sua fé não vai tão longe, e tampouco seu conformismo.

Como se lesse os seus pensamentos, Francisca diz:

– Eu não sei como ela aguenta. Eu ainda estaria deitada na rede, chorando pelo meu menino.

– Eu queria ser forte assim.

– Acho que a questão não é nem essa, visse? Talvez seja só... Resignação.

– Vixe, que ela tá falando bonito, hoje!

– Não me aborreça. – Francisca dá um leve empurrão no ombro de Maria Marta. – Meu filho que me ensina essas coisas.

– Ele ainda tá indo pra escola?

– Mas é claro. O menino quer ser doutor!

– Coisa boa.

De repente os pensamentos retornam para a mãe em seu luto. Maria Marta está disposta a saber de onde vem aquela força, porque a tal fonte deve ser boa mesmo, se está fazendo a mulher caminhar com uma certeza invejável. Um pé à frente, depois o outro. Uma marcha nada

fúnebre, embora o rosto dela esteja claramente abatido e seus olhos fixos em algum ponto que somente ela pode enxergar. Há certa aura de resignação ao redor dela. Maria vê o momento em que o rapaz alto ao lado da mulher lhe oferece o braço e ela recusa veementemente. Por que ela não está aceitando o conforto? Seria um efeito da tristeza?

– Presta atenção – Francisca ralha.

A procissão faz sua primeira parada. O sacerdote toma a palavra outra vez, profere uma série quase interminável de orações, depois apanha o turíbulo e faz mais uma consagração. Maria está perto o suficiente para sentir o cheiro do incenso, que lhe fere os olhos e faz o nariz arder. É reconfortante, no entanto. Se Deus tiver um cheiro, talvez seja este, ela pensa.

– Ô fumaça ruim. Francisca está abanando o rosto com as mãos, dispersando os filetes de fumaça para longe, o que não produz muito resultado, uma vez que o vento está soprando doses cada vez maiores de incenso na direção das duas.

Maria Marta solta uma gargalhada baixa, engolindo um pouco mais da fumaça. Zé Luís permanece imóvel ao lado dela, uma estátua que aprendeu a andar, embora ela o tenha flagrado observando as duas pelo canto do olho durante todo o percurso até ali. Se era interesse ou irritação, ela ainda não sabia dizer.

Passado mais um rito, a procissão é retomada, dessa vez alardeando um pouco mais após a renovada de fôlego da primeira parada. Alguns cantis são passados de mão em mão, a água pingando do couro fervido e manchando a terra de crateras escuras - bem mais convidativas que o branco reinante. Maria Marta apanha o cantil e sorve um

grande gole. A água parece limpá-la por dentro, enchê-la de um novo vigor, e por um momento ela se pergunta se a fé não age de forma parecida com a mulher de luto: ela absorve essas doses potentes de esperança e as transforma em goles de força. A fé não é basicamente isso? Esperança renovada pela presença do sagrado? Ela não tem certeza, mas parece fazer sentido.

O marido continua caminhando, taciturno, o sobrolho carregado ante o sol escaldante, a barba por fazer espetando nos cantos do rosto. Ele não é tão bonito, Maria Marta precisa admitir, mas é tão bom marido quanto poderia pedir. Ela também se pergunta o que há com ele, o porquê do rosto sempre sisudo, dos gestos brutos, do olhar caloroso como um raio de sol rompendo uma nuvem nos dias de tempestade. Sua mãe disse, certa vez, que alguns homens eram forjados pela enxada; ela abatia sobre eles, incutia força bruta, e então estava feito. O trabalho árduo molde os homens, ela costumava dizer, e a mulher é aquele ponto de paz e serenidade, o contraponto da rigidez. Maria Marta não concorda com isso; eles não são metade e metade, e sim duas pessoas completas, dois ecossistemas únicos que deram de se unir. Ela também não sabe como consegue pensar em palavras tão difíceis para descrevê-los, mas este é outro enigma para o momento errado.

— Tu passou um tempo em casa, depois que Deus levou dona Maria — diz Francisca. Não é uma pergunta.

— Foi. — Marta lembra muito bem dos dias de penúria, quando ela passava as tardes carpindo, lamentando-se da morte da mãe, amaldiçoando os céus pelo destino da outra mulher.

— Tu também não vinha pra igreja.

– Não. – Ela sente uma pontada de vergonha ao admitir isso. Talvez seja por esse motivo que a mulher de luto a intrigue; ela a faz pensar numa Marta que deveria ter existido naquela hora, mas que foi covarde e arredia para tomar uma atitude diferente de chorar e lamuriar.

– Quando painho oi embora, eu fiquei do mesmo jeito. – Francisca aponta com a cabeça para Marta. – Não queria nem tomar banho.

– A gente lida com as coisas de um jeito estranho - observa Marta. A discussão a está perturbando, fazendo-a pensar cada vez mais na mulher de luto.

– Eu queria saber como ela consegue. Francisca reflete em voz alta.

É a gota d'água. Maria Marta volta-se para o marido e anuncia:

– Vou indo ali. Já volto.

Ele não esboça muita reação; apenas dá um aceno rápido de cabeça e a deixa livre para ir. Francisca fica observando a amiga se afastar, tão confusa que até se esquece de andar e a multidão precisa rodeá-la para seguir caminho.

Maria Marta aborda a mulher com delicadeza, sem palavras rudes, sem gestos bruscos. As duas se conhecem o suficiente para saberem o nome uma da outra e trocar saudações ao se cruzarem; nada muito exagerado, apenas formalidades. A mulher, no entanto, alcança-lhe um sorriso fraco, cheio de dentes, e isso faz Maria Marta hesitar. Ela não sabe como começar a conversa.

Decide ser solidária.

– Oi, dona Josefa. Meus pêsames.

– Tarde, minha filha. Obrigada. – A mulher estica o braço e dá um aperto leve no ombro de Marta. Como se fosse ela a carpideira.

– A senhora tá bem?

– Vou indo. Graças a Jesus e Nossa Senhora, já tô ficando boa.

– Graças a Deus.

– Conhece meu menino mais velho? Fala com a menina, Zé Pedro.

O rapaz estende uma mão para Marta. Suas palavras são carregadas de emoção, não há muita vitalidade no modo como cumprimenta Marta. Ela não o culpa; ninguém parece lidar bem com isso, no fim. A não ser dona Josefa.

– Coisa triste o que aconteceu com Fábio – diz Maria Marta, enquanto tenta acompanhar o ritmo trôpego dos passos da outra mulher.

– É, minha filha. Não é fácil pra ninguém. Essas coisas acontecem.

Tanta naturalidade. Marta está mais confusa. Estaria Josefa fingindo não sentir a dor real da situação? Ou seria ela, realmente, tão forte quanto aparentava? Para o bem da verdade, no começo da procissão, Marta havia tirado algumas conclusões precipitadas da mulher. Primeiro, os passos vagarosos eram culpa da idade, e não do luto; segundo, o rosto de Josefa exibia uma máscara de resignação, apenas. Sem lágrimas, sem olhar marejado, sem pálpebras caídas, sem órbitas avermelhadas.

– Não acredito que Deus fez isso com o menino...

– Não, filha. Deus não tem culpa de nada, não.

– Eu não quis dizer isso, desculpe. É só que... Ele poderia ter feito alguma coisa pela gente...

– Os passos do homem é Ele quem conduz, mas o caminho é incerto e cheio de percalços – a mulher responde, levantando os olhos para encarar Marta. – Deus deu liberdade para a gente, menina, mas a gente é que escolhe o que fazer da vida.

– E que escolha teve o menino?

– Eu não sei. Essas coisas só Deus sabe.

Maria Marta balança a cabeça. Não faz o menor sentido.

– Alguém tem que ter culpa...

– O homem tem culpa, se minha filha quer saber. O homem, que não liga pro Sertão; não estende a mão; nega o pão a quem precisa; atira a pedra quando o outro erra, e ainda se acha maior que Deus. A maldade desse mundo é culpa do homem, não de outra pessoa.

A conversa finalmente se encaminha para um rumo lógico, Maria Marta já sente parte das dúvidas dissiparem conforme avançam. Ela pensa dessa forma, mas ainda não consegue correlacionar o problema do mundo com a morte da criança do Lagedo. Está prestes a perguntar, quando a mulher retoma a palavra.

– As pessoas têm mania de procurar resposta pra tudo. Como se alguém tivesse! Ninguém sabe por que a gente nasce, nem por que a gente morre... E eu acho que

nem precisamos saber. Eu poderia dizer que está tudo nas mãos de Deus, e está eu tenho fé, mas nem sempre a resposta precisa ser essa.

A mulher encara Maria Marta nos olhos. Seu olhar catedrático é como o de um artista antes de fazer uma grande revelação.

– Ninguém entende por que as coisas são como são. É impossível compreender tudo. Se alguém conseguir, faça o favor de me contar.

Maria Marta afasta-se da mulher, pé ante pé, o olhar no marido e em seus gestos enigmáticos. Não há mais dúvida dentro dela: esses dois mistérios acabam de ser resolvidos.



MAR E CIA.

Sol quente, areia morna. Água salgada, cheiro de maresia no ar. O vento sopra nas palmeiras, as faz balançar de um lado para o outro como bonecos de Olin-da. O marulhar das ondas é tão alto, que Marcos quase não escuta quando Marina chama o seu nome. Ele está de pé na orla da praia, os olhos perdidos no pélagó azulado, concentrado o suficiente para não notar o sol queimando sua pele negra exposta, tonificando os cabelos encarcacolados, fazendo arder os olhos que ele mantém semiabertos, a mão em formato de concha produzindo uma sombra improvisada.

Marina tenta outra vez, dando um soco no ombro do garoto. Dessa vez, ele se volta para ela, uma expressão de confusão no rosto.

— Que foi? — pergunta ele.

— Cê tá parado aí faz meia-hora! A turma tá toda olhando. — Marina indica a barraca de praia a alguns metros deles, onde uma turma variada de adolescente amontoa-se sob o palheiro. Uma garrafa de refrigerante é passada de mão em mão, no intuito de manter a mesa reservada enquanto as horas de ócio são desperdiçadas no litoral. Marcos sorri consigo mesmo, notando o quão cômica a cena é em comparação com os rostos carrancudos das pessoas ricas que passam por ali vez ou outra, lançando olhares hostis para a turma animada.

— Eu já tô indo. Só quis ficar admirando ele um pouquinho. — Marcos faz um gesto com os dedos para ilustrar a colocação.

— E o que ele tá achando disso? — pergunta Marina. Ela sempre entra nas brincadeiras dele, mesmo nas mais inofensivas, como as que ele faz quando não quer entregar tudo o que está pensando de uma vez só. Ela também sabe que para fazê-lo falar, precisaria de algumas horas de lábia e muita, muita paciência, por isso limita-se a integrar a troça, fazer sua parte na encenação, enquanto ele, como o bom anfitrião que é, fica com a parte complicada de entretê-los.

— Eu acho que ele tá gostando. Vê como se exhibe? — Ele aponta para o mar e o olhar dela o segue.

De fato, as ondas estão um pouco mais altas do que dizia o noticiário, e o vento castiga furiosamente as barracas de praias e as palmeiras — exatamente como *não* deveria estar naquele dia.

Com o canto do olho, ela observa Marcos. É sempre assim com ele. Todas as idas à praia são marcadas por fenômenos meteorológicos absurdos, totalmente alheios às previsões dos jornais, quase como se o oceano sentisse que Marcos iria vê-lo. Marina já comentou o fato com um colega ou outro, mas eles não pareceram tão interessados no assunto, embora ela se sentisse tragada por esse mistério a cada nova manifestação.

Marcos percebe o olhar dela sobre ele. Ela deve estar pensando o de sempre: em como ele é bobo por ficar hipnotizado com o mar quando já o vira tantas vezes. Só que ele não pode evitar; é um sentimento forte como o puxa e empurra das ondas; como o vozeirão do vento ou o trinado dos pássaros. Marcos sente o mar chamando-o; sente seu nome flutuar na maresia, após o quebrar de uma onda violenta.

Um arrepio percorre sua pele ao constatar a sensação mais uma vez. Deixe que Marina olhe para ele como se o estivesse taxando como louco; ele está em casa, e nada pode suplantar o calor desse sentimento.

– É engraçado.

– O que é engraçado? – pergunta ele.

– Acho que ele gosta de você. – Um sorriso conspiratório cruza os lábios de Marina. – O mar.

– É, gosta sim. – No rosto dele surge um sorriso de ponta a ponta. Está feliz por ela entendê-lo, e mais ainda por saber que ela consegue enxergar a conexão especial entre eles. Nenhuma outra pessoa foi capaz disso até ali.

– Mas você ainda precisa comer – diz ela, agarrando o braço dele.

– Sério? – Marcos pisca os olhos. A sensação é de ter sido despertado de um transe, e agora ele, finalmente, se dá conta dos protestos do seu estômago vazio.

Com um sorriso constrangido, ele se deixa levar por Marina até a barraca dos colegas, onde Hugo oferece uma cadeira vazia ao seu lado. Marina senta do lado oposto, entre Júlia e Antônia, e vai logo puxando da bolsa um depósito caro, daqueles de revista, para então entregá-lo a Marcos. O garoto puxa a tampa com cuidado e seu estômago responde instantaneamente com a visão de um glorioso misto quente, provavelmente preparado por dona Augusta, mãe de Marina.

Ele agradece à garota com outro sorriso cheio de dentes e se põe a trabalhar. Em algum momento, Hugo passa o

braço pelo encosto da cadeira, descansando a mão sobre o ombro nu de Marcos.

— Hoje tá tão parado — comenta Júlia, o olhar percorrendo o espaço vazio entre a barraca deles e o mar, alguns metros adiante.

Poucas pessoas percorrem a área àquela hora, exceto alguns idosos fazendo caminhada ou mulheres passeando com cachorros tão grandes quanto lobos. Como é quarta-feira, isso não os impressiona de todo, mas, por Fortaleza ser uma cidade litorânea, espera-se que suas praias estejam sempre cheias — o que, eles observam, não é o caso.

Marcos fica um pouco indignado com isso. Se fosse *ele* o morador de algum daqueles edifícios imponentes na circunvizinhança, teria prazer em descer para o mar todos os dias, fizesse chuva ou sol. Antônia acredita que essa disposição toda é só porque eles moram longe e não têm acesso fácil ao lugar, mas Marcos é defensor ferrenho do que acredita, e não dá o braço a torcer diante da afirmativa.

— Acho que a gente veio cedo, — é a vez de Hugo comentar com sua habitual voz de sono. Isso combina com ele; combina com seus modos leves, com sua cabeleira loura até os ombros, com seus olhos azuis sempre injetados. Marcos o considera a personificação de algum deus grego do sono, embora Hugo defenda sua preferência pelos nórdicos em vez dos ícones do Mar Egeu e Jônico.

— Não tá cedo. Já são mais de nove horas — observa Antônia, conferindo as horas em seu smartphone.

— Mas a gente veio cedo, se vocês pararem para pensar — diz Marcos, depois de engolir um pedaço generoso do seu sanduíche. — Nós pegamos o ônibus eram seis horas, ainda.

– Engraçadinho – desdenha Antônia, fazendo careta.

– Ele não mentiu – ri Júlia. – Minha mãe ficou pê da vida quando eu disse que ia me levantar antes das cinco. Eu falei pra ela fazer o café mais cedo.

– E ela? – pergunta Marina.

– Me deu um tabefe e me mandou tomar água quente se quisesse merendar de manhã.

A mesa cai em gargalhadas gostosas. Elas saem tão altas que, por um momento, silenciam as ondas e o ar é preenchido de uma intensidade totalmente nova. Então o momento acaba e o som das ondas torna a reinar.

– Minha mãe achou foi bom – comenta Antônia. – Ela vai ficar sozinha com o meu padrasto.

– Eles ainda estão juntos? – pergunta Hugo.

– Uhum. Vivem se estranhando, mas continuam firmes.

– Eu morro de medo de ter um relacionamento assim.
– Marina olha para cada pessoa da mesa como se quisesse enfatizar suas palavras. – Deve ser horrível dividir a vida com alguém e essa pessoa não te dar um minuto de paz.

– Foi por isso que a minha mãe terminou com o Pedro, logo depois que eu nasci – explica Júlia. – Ela já sabia que não ia dar certo e pulou fora.

– Certa ela – Hugo concorda.

– Pior. Eu faria o mesmo – diz Antônia.

– Que mentira! Tu ainda tá com o Júnior – Júlia observa, os olhos faiscando na direção da amiga.

– A gente não vive brigando...

– Vivem, sim.

– É verdade isso, Marcos? – Antônia exige saber.

Marcos solta um suspiro. Ele sabia que a conversa tomaria esse rumo. Sempre que as pessoas do grupo discoravam em algo, elas o usavam como juiz do problema, porque ele... Bem, Marcos não sabe mentir. Ele consegue esconder seus reais pensamentos, consegue ludibriar alguém até essa pessoa desistir de importuná-lo para saber o que se passa em sua cabeça, mas nunca foi bom mentiroso. Nem as mentiras mais simples conseguiam encontrar um bom caminho em seus lábios; elas morriam afogadas no seu mar de nervosismo incurável.

– Bem, er... – Ele olha de Marina para Júlia, de Júlia para Hugo, e só então para Antônia. A expressão no rosto da garota é ameaçadora. – Talvez.

– Talvez não vale! – Antônia protesta.

– “Talvez” pra mais, ou “talvez” pra menos? – Júlia insiste.

Marcos pensa por alguns segundos.

– Talvez pra mais.

– Ah-há! Eu não disse? – Júlia comemora, enquanto Antônia lança um olhar cortante para Marcos, que ele finge não notar. Embora ela pareça *realmente* disposta a atirá-lo ao mar sem nenhum equipamento salva-vidas, Marcos conhece-a bem o suficiente para temer qualquer represália. Aquele era um jogo de todos eles: alguém pergunta, Marcos responde com sinceridade. Os únicos prejudica-

dos eram aqueles que tentavam defender algum ponto de vista equivocado ou distante da verdade (como ele gostava de observar).

– Até parece que vocês já não passaram por isso também. – Antônia recosta-se na cadeira, os braços cruzados diante do corpo, os olhos cintilando com o desafio.

– O Hugo. – Júlia aponta para ele, enquanto os outros confirmam com acenos de cabeça.

– O que foi? Isso é passado, donas perfeitinhas – Hugo rebate, mostrando a língua. – E você, Marquinhos? Tá concordando por quê?

Hugo agarra o corpo de Marcos com os dois braços, puxando-o para perto de si. O garoto tenta se desvencilhar, arquejando diante da força superior do outro, mas acaba desistindo. Não é uma luta justa.

Hugo finalmente solta o garoto, passando a mão nos cabelos agora bagunçados de Marcos, cujas mãos estão ocupadas em afastar os cuidados de Hugo. As três garotas observam-nos atentamente, as expressões triunfantes como se tivessem acabado de flagrar uma grande demonstração de amor entre duas pessoas. Certo, pode ter sido quase isso, mas ainda é um quase, e talvez nunca passe disso.

– A única que nunca se envolveu com embuste fui eu – Marina comenta, o orgulho estampado em sua voz.

– Também, como alguém ia conseguir namorar com a princesinha na torre? – Antônia desdenha.

– Eu não sou princesinha de torre nenhuma!

– Ah, não? Então onde você passou as férias do último ano?

Marina fica contrariada. Marcos pode vê-la procurar alguma resposta definitiva, mas ela, assim como ele, não é tão boa mentirosa. Dona Augusta nunca liberava a filha para os passeios da turma, e dificilmente abria mão dos serviços dela em casa aos finais de semana, e, principalmente, em feriados. O único motivo para ela tê-la deixando acompanhá-los à praia naquela manhã foi a desculpa inventada por Júlia, - com direito à participação da dona Lili -, que teoricamente precisaria de Marina para terminar juntas o trabalho de Formação Cidadã. Dona Augusta não tinha ideia do quão avançado já ia o semestre dos garotos, e se parasse para prestar um pouco mais de atenção ao que acontece com Marina, perceberia que eles não tinham essa matéria desde o segundo ano.

– Deixa ela, Antônia – Júlia intervém.

Notando o olhar afetado de Marina, a garota decide dar os pontos.

– Foi mal.

– Nada. – Marina dispensa o comentário com um aceno de mão.

Eles passam alguns minutos em silêncio, perdidos em alguma divagação qualquer, atentos aos bipes dos celulares e aos toques de notificação ocasionais. Marcos nunca traz o seu celular por motivos de segurança, mas ele nem precisa se preocupar em ficar de fora das novidades da turma, uma vez que Hugo puxa sua cadeira para mais perto e passa o *feed* de notícias na altura dos olhos de ambos.

Marcos coloca o depósito de Marina sobre a mesa e se debruça ao lado de Hugo. As três garotas trocam mais olhares conspiratórios, dessa vez mais ousados, um plano se formando no silêncio entre elas.

– Acho que a gente deveria dar um mergulho – sugere Marina, tomando a iniciativa. Em sincronismo quase perfeito, as outras duas garotas assentem.

– Tudo b... – Marcos ia dizendo, quando Marina o interrompe.

– Só as garotas. – Há um sorriso matreiro no rosto dela, uma sugestão. Marcos não consegue entender do que se trata.

– Ok – diz Hugo, dando de ombros.

As três garotas se levantam, jogam as cangas em cima da mesa e partem pela areia, rindo e confiando mais segredos umas às outras.

Marcos fica observando a cena, o cenho franzido, se perguntando por que ele não fora convidado para visitar o mar – logo o seu mar, que ele tomara como amante.

De qualquer modo, ele se recosta na cadeira, olhando para o horizonte sem fixar muita coisa, apenas o movimento calmo dos turistas na orla da praia e o som das ondas borbulhando no ar ao redor.

Hugo o está observando de canto de olho; Marcos finge não perceber, embora tenha vontade de se dirigir a ele, de perguntar alguma coisa e romper o silêncio incômodo no qual mergulharam.

Felizmente é Hugo quem toma a iniciativa.

– Então quer dizer que seu tio foi...

– A gente não tem certeza. – Marcos responde rapidamente. – Só aconteceu.

– Ah, sim. Entendo.

Mas Marcos sabe que ele não entende de verdade. A ida à praia, o subterfúgio que Marcos precisava para sair de perto da família, estava indo muito bem sem que mencionassem os motivos para ambos estarem ali. O garoto não quer reviver a dor, o sentimento de abandono, a falta de esperança que foram seus companheiros nas últimas semanas.

De repente, uma lágrima salgada desponta de seus olhos, descrevendo um caminho sinuoso pela sua bochecha, descendo até a altura do queixo. Ele não tem forças para tirá-la dali porque seus braços parecem fracos demais, afixados ao encosto da cadeira pela gravidade.

Hugo é quem toma a dianteira, novamente. É muito bom nisso. Ele enxuga a lágrima com o dorso da mão, dá um sorriso comedido para Marcos, como quem diz, “Está tudo bem”, e se recosta novamente na cadeira, fingindo se concentrar no aplicativo que acabou de abrir no celular.

Marcos decide entregar um pouco da verdade.

– Ele não era de nenhuma organização criminosa. Tava saindo de um racha na pracinha lá do bairro, quando os homens chegaram e saíram atirando. Ele não tinha o que fazer.

– Então... Confundiram ele?

– Uhum.

– Caraca.

– Acontece direto com quem é preto.

– Mas, geralmente...

– É a polícia quem faz. Eu sei. Foi uma fatalidade.

Os dois permanecem em silêncio. A tensão se desfez, sendo substituída por uma espécie de entendimento entre ambos, uma sensação de empatia muito mais forte do que já haviam experimentado um com o outro.

Embora Hugo tenha nascido em uma família melhor, mais estruturada e bem mais rica, Marcos sabe que ele tenta entender todos os lados da situação, até porque a metade dos seus amigos tem esse tipo de problema; nenhum deles saiu impune da violência nas zonas periféricas da cidade.

— É por isso que eu gosto do mar, sabe? — Marcos pensa em voz alta. — Ele não liga de onde a gente vem, o que a gente faz, nem para o que tem dentro da gente; ele banha a todos com as mesmas águas. Branco, preto, pardo... Não faz distinção.

— Tem razão. — Hugo concorda, os olhos fixos no Oceano a poucos metros deles. — A gente devia tentar ser mais como ele.

— É isso que eu tento — responde Marcos, dessa vez olhando para Hugo, com seu jeitão descomplicado, modos despojados de quem é conduzido pelo sabor do vento, pelo marulhar salgado das ondas. — Tento ser como ele, como você...

— Eu? Por que eu? — Hugo ri.

— Por causa desse seu jeitão aí...

— Que jeitão?

— Esse. — Marcos mexe os braços como o fazem os bonecos de posto de gasolina, subindo e descendo de forma desajeitada e lenta, insinuando pequenas ondas.

– Seu besta, – responde Hugo, passando o braço pelos ombros de Marcos enquanto o som do riso dos dois preenche o ar matutino de graça e vida.

Marcos se demora um tempo assim, sentindo a pele de Hugo contra a sua, o cheiro salgado dele acentuado pela proximidade dos dois, o sobe e desce frenético do seu peito.

Eles agora olham para o mar, e de repente uma coisa fica clara para Marcos. O vai e vem das ondas, o vento nas palmeiras, o calor da areia nas solas dos pés... Nada disso faria sentido sem os seus amigos, e, principalmente, sem Hugo. Porque o mesmo vigor do mar ele agora pode sentir no outro garoto, e não há maresia melhor do que o calor da respiração de Hugo contra o seu pescoço; não há onda melhor do que o abraço dele envolvendo seu corpo.



JUNINO

Havia balões no ar, o xote tocava fazia um bom tempo e a poeira levantava no chão do salão. O povo dançava no meio da roda, as barras das saias voejando nos corpos em movimento, os chapéus de palha gracejando o ar noturno, os passos ecoando mesmo no piso de terra batida, acompanhando o ritmo da sanfona do seresteiro.

Rosário, no entanto, estava sentada em um dos bancos mais afastados do centro da festa, a cabeça apoiada nas mãos, uma expressão cansada no rosto. Ela não gostava do São João.

A mãe da menina ralhava com ela, chamava a atenção, botava forró para tocar nas alturas todas as manhãs, mas nada disso funcionava: não havia ali qualquer apreço pela festa. Rosário só queria saber do samba, do som do pandeiro conduzindo o baile, do clima da gafieira e a descontração do passo rápido das pernas. Já o forró...

Um rapaz aprumado veio em sua direção, a cara rabiscada com lápis de olho — embora, ela precisasse admitir, não houvesse a mínima necessidade, uma vez que a barba rala no queixo do rapaz já estivesse de bom tamanho. Ela suspirou. O exagero daquela festa...

— Bó dançar, moça? — Perguntou ele.

— Quero não, moço. Tô bem, respondeu ela, forçando um sorriso de educada rejeição.

A expressão do rapaz murchou um pouco, mas ele não iria desistir tão fácil.

— Uma moça bonita assim veio pro forró só pra ficar sentada? — Brincou ele. — Rumbora...

— Já disse que num quero. — Rebateu Rosário, dessa vez deixando os modos um pouco de lado.

O sorriso do rapaz sumiu de vez. Ele tirou o chapéu e se retirou. No minuto seguinte ele estava aos rodopios com outra moça, bem no centro da roda. Rosário observou a cena por algum tempo, sentindo-se curiosamente contrariada. Mas ela não se entregaria assim tão fácil, além de que a hora ia avançada e dali a pouco a mãe chamaria para voltar para casa.

Rosário decidiu se levantar, porque as pernas já estavam doendo e o vestido de retalhos que a mãe cozera para ela, começava a pinicar. Isso sem contar com o calor da fogueira, que mesmo ao longe ainda alcançava as partes expostas de sua pele.

Ela foi andando entre as mesas de comida, apanhando um pratinho ali, um pé-de-moleque aqui, tudo para se manter ocupada enquanto a hora de sair não chegava. Pelo menos da comida ela não tinha o que reclamar: adorava o gosto do cravo no pé-de-moleque; o doce dos bolos de milho; o salgadinho do creme de galinha e a ardência do vatapá. Nada disso lhe passava despercebido aos sentidos, e, ao longo dos anos, tornara-se o único motivo para ela deixar que a mãe a trouxesse para o forró. Não fosse isso, àquela hora, ela estaria assistindo a novela das nove, sentada no sofá, desacompanhada e solitária, mas ao menos longe daquela algazarra toda.

Rosário olhou ao redor, procurando um novo lugar para se sentar, um que tivesse apoio e onde ela pudesse comer em paz. Encontrou uma mesa de madeira no lado

direito do campo com todos os requisitos necessários, mas o problema era que ela ficava perto do palco improvisado para o seresteiro, então Rosário teria de comer com o som estourando seus tímpanos.

A contragosto, ela acabou se encaminhando para lá, ignorando os pedidos de dança pelos quais passou no caminho, mantendo uma expressão educada no rosto. A mãe, ela viu pelo canto do olho, dançava com o marido, girando como uma moçoila recém-casada, enquanto o povo aplaudia a exibição. Dona Perpétua era dançarina arrojada, tinha pernas fortes capazes de aguentar horas e horas no bamboleio, e uma disposição de fazer inveja a qualquer um. Seu Geraldo era uma cópia exata dela, exceto pela idade um pouco mais avançada.

Novamente sentada, Rosário concentrava sua mente no ato de comer, tentando ignorar o som da música, as batidas frenéticas do triângulo, o bate e bate do tambor, o lamento melodioso da sanfona. Embora a tarefa fosse um tanto complicada, ela teria conseguido suplantar todas estas coisas, acaso o rapaz que a convidara mais cedo não tivesse se voltado para ela, sorrindo e puxado uma cadeira para sentar-se ao seu lado.

— Que foi agora? — perguntou ela. — Quer um tiquinho de comida?

— Tô satisfeito, cumadre — respondeu ele, seus velhos modos despojados retornando.

Rosário revirou os olhos. A Jurema fazia sombra sobre eles, embora a luz dos postes fosse fraca se comparada ao fogo crepitante da fogueira, que lançava seus raios bruxuleantes no chinelo das pessoas em redor dela.

– A cumadre quer que eu saia? – perguntou ele.

– Num se incomode – foi o que ela disse, porque, a bem da verdade, já estava cansada de ficar sozinha. Ter uma companhia, mesmo de alguém que ela ainda não conhecia, não era de todo uma ideia ruim. Longe disso.

– Então, o que a moça quer?

– Ficar aqui sentada, apenas conversando. Pode ser?
– Ela o encarou por um momento, notando o olhar vívido dele, de pupilas esverdeadas e uma íris maior do que ela já vira em alguém. Ele parecia uma jaguatirica em forma humana, como os Encantados dos quais ela já ouvira falar das histórias da avó.

– Pode sim, oxi. – O rapaz riu, cruzando os braços atrás da cabeça.

Rosário desviou os olhos. Percebera que passara tempo demais observando ele.

– Hum... Sobre o que quer conversar?

– Sei lá. Me diz você.

– Você num gosta de dançar, não? – perguntou ele.

– Forró? Nem um tiquinho.

– Ora, por quê? – Ele parecia genuinamente espantado. Rosário se perguntou se ele era tão bom ator assim ou se a informação realmente era surpreendente. Não era possível que *todo mundo* gostasse de dançar forró!

– Porque num gosto, uai! Num sinto vontade, num sinto nada!

Ele coçou a cabeça. Parecia procurar algo bom para dizer.

— Se for tentar me convencer do inverso, chegou atrasado. Mainha já tentou um montão de vezes — Rosário interveio, prevendo a enxurrada de protestos que sempre sucedia suas declarações.

— Já tá calejada, né? — Ele riu. Sua risada era como o vento soprando nas folhas da Jurema, como o som da água do rio batendo nos juncos. Rosário balançou a cabeça para afastar o pensamento.

— Tô, sim.

— É uma pena, porque eu já tinha um discurso prontinho.

— Num carece de se incomodar...

— Pois então vamo mudar de assunto. Você trabalha?

— Fazendo renda, ajudando mainha. A gente quer montar um estúdio, que nem do povo da novela — explicou Rosário, intercalando as palavras com as mordidas em seu bolo de milho.

— Vai ser pai d'égua. Gostei — disse ele, como se aprovasse a ideia de um bom negócio. Aquilo irritou Rosário, mas ela preferiu deixar passar.

— E você? Faz o que da vida?

— Eu ajudo na fazenda de painho, lá no Palmirim.

— Isso é um cadinho longe daqui — observou Rosário.

— Ele tem duas fazendas, na verdade. Uma lá no Palmirim, e uma no Quixadá.

— Gosto de lá...

– Você já visitou muito?

– Pouquinho, só quando mainha e painho iam pra novena de Nossa Senhora Imaculada. A gente subia a serra em procissão, com o povo da igreja.

– Eu vivia indo pra festa, mas aí, quando mainha morreu, parei mais.

– Por quê?

– Porque ela adorava ir pro santuário.

Os dois ficaram em silêncio por alguns segundos, muito cômicos da música trovejando ao redor e das exclamações de felicidade dos dançarinos na capoeira.

– Eu sinto muito – disse Rosário.

– Não carece. Já faz um tempo.

– E como ficou o seu pai?

– Arrasado. Por isso pediu que eu cuidasse da fazenda. Ele já tá adoentado, por causa da idade e do luto.

– É difícil, mesmo. Quero nem pensar quando for painho.

– Num queira imaginar. Sabe outra coisa que mainha também gostava muito? – Ele agora observava Rosário, os olhos cintilando à meia-luz.

– Não. Do quê?

– Do forró – respondeu ele, um sorriso surgindo nos lábios rosados. – Mainha adorava dançar, rodar no meio do terreiro, balançar a saia... Tudo o que tinha direito.

– Por isso você gosta tanto de dançar? – questionou Rosário.

– É que dançar também alivia a dor. O forró é bom demais, você já prestou atenção? Nem precisa atinar na letra da música. Espia só o batuque, o som batendo no ouvido da gente, o tremelique que dá na ponta do pé. Não consegue sentir?

Rosário prestou mais atenção, especialmente nos pontos que ele elencara. Depois de algum tempo ela de fato conseguiu sentir algo, uma coisinha engraçada, uma comichão na cabeça a cada sanfonada, a cada batida do tambor.

– Consigo – respondeu ela, balançando a cabeça.

– E não tem vontade de dançar?

– Talvez um tiquinho. – Ela representou a palavra com um gesto dos dedos em formato de pinça.

– Então dança cá mais eu – sugeriu ele, oferecendo-lhe a mão.

Rosário hesitou. O forró ainda badalava em sua cabeça, mas, fora isso, uma parte de si ainda lutava contra o encantamento da música e do rapaz.

– Nem por mainha? – insistiu ele.

Um golpe baixo, Rosário sabia. Mas quem era ela para negar um agrado à falecida? Sem contar que o ritmo estava ficando mais frenético a cada minuto, ameaçando engolfá-la no menor deslize. Ela já fora vencida.

– Tá bom, mas só um cadinho, ok?

Ele assentiu, o sorriso alargando, e a conduziu para o centro da roda.

Houve um tempo, quando Rosário era moça e a vida ainda tinha tons de lilás e azul, em que dançar não era problema, era solução; em que rodopiar pelo quintal de casa, espantando as galinhas e os bichos todos era sinônimo de diversão, e ela podia ser ela mesma, fazer o que quisesse.

Esses anos dourados acabaram se manifestando assim que o rapaz pôs as mãos em sua cintura, capturando-a em uma sequência de passos ritmados, suaves como o vento da noite e seguros como as garoas do inverno. Rosário dançava e dançava, os pés levantando poeira, o rosto brilhando de um suor vitorioso e o peito inflando de um sentimento até então esquecido. Ela era novamente a menina de seu Geraldo, conduzida pelos seus braços grossos, levantada no ar para girar e girar. Então ela era a garota sobre um batente de madeira, um boneco de trapos agarrado bem firme pelas mãos franzinas, balançando o corpo lânguido da mesma forma que vira a mãe fazer tantas vezes.

Rosário abriu bem os olhos, absorvendo o sincronismo febril e quase etéreo das pessoas em redor; a proximidade de seu companheiro de dança; o cheiro de milho assado que agora preenchia o ar, misturado ao cheiro do seu novo parceiro de valsa. Ela não podia estar mais satisfeita.

Bendita da falecida, pensou ela, enquanto era rodada mais uma vez, para então ser amparada pelos braços fortes do rapaz. Ele lhe sorriu, os dentes faiscando. Rosário retribuiu o gesto.

Eles dançaram por um bom tempo; dançaram até as pernas dela falharem, até os braços dele estarem rijos de

esforço. Foi somente quando o seresteiro anunciou uma pausa, após as longas horas seguidas de música ininterrupta, que eles se separaram. Voltaram para a mesa ao lado do palco, onde os restos de comida ainda esperavam reivindicação, e se acomodaram juntinhos.

O resto da noite foi só carícia e fala mansa, juras trocadas junto ao ouvido e chamego. Rosário ficou triste quando o rapaz anunciou sua partida iminente, mas acabou aceitando sem relutância depois dele prometer que a visitaria em breve.

Ele se levantou, esticou os braços acima da cabeça e deu outro sorriso luminoso. Rosário deu-lhe um beijo rápido, comedido, ciente da proximidade dos seus pais e dos olhares curiosos que eles agora lhe dirigiam. O rapaz retribuiu de forma educada, ergueu o chapéu uma única vez à guisa de despedida e se virou para o terreiro.

Rosário observou-o caminhar entre as pessoas e teria passado mais tempo assim, acaso ele não tivesse desaparecido, levado por um sopro de vento de volta para o lugar de onde veio.



PROMESSA

De um lado, apenas floresta verde, árvores de folhas salpicadas de orvalho, cintilando sob a luz do sol nascente. Uma névoa fria erguia-se do solo de terra batida, espalhando-se pelo ar como finas teias de aranha, prendendo-se ao que pudesse agarrar com seus dedos translúcidos e quebradiços. Os pássaros gorjeavam entre a mata, comunicando-se através de trinados fracos e combalidos, cheios de segredos e confidências. Estavam pouco interessados no viajante, mas ainda assim, mantinham seus olhos negros alertas, vigiando-o de seus tronos arbóreos.

Alceu carregava o saco de algodão no ombro direito, bamboleando-se pela rodovia como um bêbado de passos trôpegos, pendendo perigosamente para os lados em sua corda bamba imaginária. Ele parou por um momento, os pássaros prenderam a respiração, depois ajeitou o saco e retomou a subida. Não pensava muito no que estava fazendo, porque pensar exigia uma dose considerável de força, esta que já minguava em seu peito.

Fora sua, a ideia de subir a serra. Era uma boa troca com o santo e, uma vez que a graça alcançada era de fato surpreendente, nada como um esforço descomunal para ser usado como pagamento. Ninguém especificava o que devolver após um acordo desses, mas ele bem sabia que era necessário sacrifício e entrega, senão a troca era desfeita e o santo poderia até enfurecer-se em cólera cega e acabar vingando-se do desavisado.

Sariema oferecera-se para acompanhá-lo e ele quase cedera, não fosse o pensamento insistente de que aquilo

tudo era culpa dela; que, se não fosse ela tão intragável e engenhosa, ele subiria a serra de motor, e não a pé.

Tentou afastar o pensamento. Divagar também não ajudava. Precisava de concentração total, foco apenas nos pés vacilantes, nos calos em suas solas, no toque duro do asfalto contra a fina malha que separava sua pele do chão.

Andou por mais alguns quilômetros, quando ouviu o som do automóvel. Afastou-se para o lado, relanceou o olhar sobre o pau-de-arara pululando de romeiros espinhosos e deixou-se respirar profundamente. Levou o dorso da mão ao rosto, esfregando-o repetidas vezes, até dissipar o véu de suor que ali se acumulara. Então apanhou novamente o saco que depositara no chão e recomeçou a andar, um pouco mais firme do que antes.

Estava dobrando uma curva, especialmente, acentuada da estrada, o sol agora sobre sua cabeça desprotegida, e teve que parar uma quinta vez. Deparara-se com uma casa. A bem da verdade, essa mais parecia uma cabana erigida às pressas, com palha caindo desajeitadamente do teto, paliças de madeira entrelaçadas em desconformidade e paredes tortas inclinadas para dentro.

No arco da entrada, tão irregular quanto o restante da construção, havia uma senhora. Ela usava um lenço na cabeça, vestia o branco como uma mortalha e tinha olhos negros sob a sombra no rosto.

Alceu encarou-a por uns instantes, incerto quanto ao que fazer, e estava prestes a passar direto pela cabana quando a mulher chamou por ele.

– Vê lá, caminheiro. Que fazes aqui?

– Ora, pois caminho. E tu?

– Observo.

E de fato ela parecia estar bastante atenta aos detalhes no homem, os olhos passeando por seu corpo robusto, absorvendo a frivolidade de seu gibão de couro, a textura áspera do material contra sua pele negra, os contornos flácidos de suas formas sob aquele peso castanho.

A Alceu todos estes detalhes passaram despercebidos: ele apenas sentia os olhos da mulher sobre ele, e quanto a isso nada podia fazer, senão observá-la na mesma intensidade, devolvendo-lhe o olhar.

– Isso eu consigo perceber – disse ele.

– Incomodo?

– De jeito nenhum.

– Alegra-me. Aqui pouca gente passa e, na presteza da vida, a prosa é sempre vexada – disse a mulher.

– Acaso não passou, faz instante, um carro atulhado de gente? – retorquiu Alceu. Ele havia repostado o saco no chão, uma vez que as palavras da mulher faziam-se sedentas por ser ouvidas. Era como um encanto, daqueles dos contos fantásticos.

– Quanto mais gente fala, mais difícil é ouvir. O que duas pessoas falam não é mistério, nem no céu, nem no inferno – retrucou a mulher.

Há sabedoria nisso, pensou Alceu, mas o que disse foi:

– O que sabem duas pessoas, não o sabem outras cinco. Queres companhia ou alguém que te ouça?

– Na vida não se pode ter tudo, mas um bom ouvido ilumina qualquer caminho. Vem cá e junta-te a mim.

– Não posso, porque tenho pressa.

– Não te avexes.

– Um santo espera minha parte de um acordo; não findarei quebrando promessa. Urge que saia agora, que caminhe mais um pouco, para então meu fardo não pesar mais, e para que fúria divina sobre mim não venha a cair.

Disse isso e jogou o saco sobre o ombro, - agora o direito -, apertando o passo e deixando para trás a mulher de branco em sua casa de madeira torta.

Não tardou e outra construção surgiu. Esta era mais aprumada: tinha paredes de tijolos, telhado caiado e janelas retas. Sua pintura, no entanto, era da mais decadente; descascava nos cantos e em lugares mais evidentes, revelando o tijolo vermelho de sua compostura. Era toda branca, como o vestido da mulher, como a névoa que subia do chão, como a roupa dos romeiros no pau-de-arara, como a esclera dos olhos de Alceu. E, ainda assim, tinha seu charme matreiro.

Alceu atravessou o espaço diante da casa, muito cômico dos olhos agora verdes que o observavam. Pertenciam a um homem negro sentado sobre um tamborete na porta da casa, e estavam meio ocultos por um chapéu de palha que usava no alto do cocuruto. Alceu achou a escolha de muito bom gosto, visto que o homem parecia usar um conjunto de roupas bastante a caráter, à guisa de trajes pesqueiros. Quando Josivaldo ia pescar, costumava usar algo do tipo, ao menos até Sariema reclamar-lhe a falta de gosto e mandá-lo desfazer-se do conjunto, pois este não o

favorecia nem um pouco. No homem sentado, entretanto, a combinação servia tanto quanto o sol do dia rebrilhando em sua pele cor de ébano.

Alceu retribuiu o olhar, como o fizera com a mulher de branco, mas dessa vez havia uma diferença sutil de intensidade, como uma descarga elétrica de baixa voltagem após uma explosão de energia. Era vibrante, constante, porém, menos vivaz e ofensiva.

– Dia – saudou o homem.

– Dia, senhor – respondeu Alceu.

– Não sou senhor de terra alguma, então pode me chamar por aquilo que vês.

– Que perfaria isso?

– Aquilo que te dizem os olhos – rebateu o homem.

Alceu pensou por um minuto. Que joguete seria aquele? Alguma troça inteligente? O que esperaria o outro homem ouvir dele?

Decidiu ser direto.

– Dia, bom homem.

– Como sabes que faço o bem?

– Intuí.

– Não seria eu boa pessoa, acaso tomasse teu fardo e o ajudasse a carregar? Não seria eu boa pessoa, apenas se te oferecesse a sombra sob o meu teto, o frescor da água em meu filtro, o aconchego dos lençóis sobre uma cama macia?

– E não seria eu descortês, acaso pedisse tais coisas? Há pouco cheguei aqui e já pretendo tomar-te o tempo e a consideração? Que deves a mim para pagar-me com tais regalias?

– Pouco e menos ainda.

– Então não és má pessoa se não me deres o luxo de que dispões; serás má pessoa se me negares o pouco de que preciso.

– E do que tu precisas, caminheiro?

– Seguir adiante, pois meu santo espera uma resposta minha, e não há nada que me assombre mais do que ser causador de desgraças para mim e para minha família por falta de trato meu. Dar-lhe-ei o que prometi, se assim se fez promessa minha, e por isso não me demoro mais, por minuto que seja.

– Então vá e cumpre o que prometeste. Contudo, aconselho-te: dê o que tem dentro de ti, pois o que há em redor não é teu para que te disponhas.

Alceu assentiu uma única vez, apertou o saco junto de si e seguiu caminho.

Dessa vez, algum tempo decorreu para que deparasse com outra construção. O sol descia a Leste, escondendo-se atrás dos picos altos da serra, brincando com os poucos raios escarlates que conseguiam romper a barreira de nuvens e pedra, para dançar em seguida sobre o firmamento abaixo. Sua luz tingia de laranja o Surucuru Pico-de-Jaca, o Dançador-Laranja e outras árvores, anunciando a chegada do crepúsculo para os Saís-Tucanos, para os Sanhaços, Fura-Barreira, os Soldadinhos, os Verdelines, os Coandus

e seus companheiros de espécie. O festim de sons minguava conforme a sombra se abatia sobre a floresta, transformando em lembranças quentes e agradáveis o gorjear dos pássaros em suas discussões acaloradas. Eles agora perdiam todo o interesse no romeiro, pensando consigo mesmos que aquela era uma jornada e tanto, muito arriscada para um humano e extraordinária por essência. Já não observavam, mas seus ouvidos atentos apreendiam os sons de sua subida resignada.

Erguendo os olhos pesados de sono, Alceu vislumbrou a casa mais magnífica do mundo. Havia lantejoulas descendo de seu telhado marmóreo em uma cascata de cores vibrantes; rosas dispostas em vasos suntuosos sarapintavam cada superfície plana; as paredes ostentavam um brilho imaculado de resina e a luz do luar incidia sobre as formas opulentas da construção.

Alceu bebeu a visão por bons minutos, tão admirado que, instantaneamente, sentiu o braço desprender o saco de algodão do ombro, colocando-o sobre o chão com cuidado mecânico. Ele deu alguns passos em direção a casa, sentindo a magnificência da visão, preencher-lhe os sentidos e mergulharem-no em um torpor assombrado. Não havia mais nada no mundo, exceto a casa de mármore, cuja aura era ainda mais branca que o branco dos seus olhos, que o véu da mulher, que a pintura da casa do homem de chapéu, que o translúcido da névoa matutina, que o albugíneo da vestimenta dos romeiros no pau-de-arara.

Quem o recebeu dessa vez foi uma criança. Era mais alva que a própria casa, se é que isso era possível, e de sua pele irradiava o calor de uma fogueira, as réstias do próprio sol fugidio, vapor quente condensando em um ciclo sinuoso.

Ela sorriu para Alceu, talvez rindo diante do seu assombro, ou confrangida por um sentimento de abstrusa simpatia.

– Quem vem lá? – perguntou ela.

– Apenas eu – respondeu Alceu, tartamudeando.

– E quem és tu?

– Aquilo que teus olhos veem.

– Hum. – A criança tocou o queixo com os dedos finos como galhos, tamborilando-os com traquejo. Aparentemente Alceu não fora a primeira pessoa que viu àquele dia, e talvez não fosse a derradeira. – Vejo um homem cansado, com um fardo pesado e uma agrura mal disfarçada.

– Não é de minha vontade fazer ocultos os meus sentimentos a outrem, pois é claro que aos olhos teus não escapam tais coisas. Sim, algo de fato me compele a seguir os passos, e seria de meu enlevo dizer-te que me impulsionam apenas as coisas boas.

– As adversidades da vida nos impulsionam mais do que a bonança, afinal nunca houve mudança na fartura, e nem fartura que sobrevivesse à desgraça.

– Então abençoa minha empreitada?

– Digo-te que a ti, e somente a ti, competem teus motivos. Se são bons ou levianos, apenas tua própria vaidade pode decidir.

Alceu remexeu-se, desconfortável. Sentia as certezas escorrerem através de seus dedos como areia em um funil, descrevendo um caminho sinuoso pelas entranhas de sua consciência letárgica.

– Tenho um caminho a seguir... – balbuciou ele.

– Teu santo te espera; sei disso e de outras coisas. – O olhar da criança pousou sobre ele, e ali não havia julgamento, apenas um leve ressentimento e algo mais, impossível de distinguir. – Se perdoares o que te trouxe aqui, e olhares para dentro de vosso coração, terás então tua revelação. Acaso chegares a um consenso, agradar-me-ia tê-lo debaixo de meu teto, sobre os lençóis de uma cama macia, aquecido por um fogo crepitante, saciado pela água de meu filtro.

O romeiro refletiu sobre o assunto. Sabia que Sariema não tinha feito por mal – não era de seu feitio, e todos tinham consciência disso. A promessa, o santo: todas essas coisas agora pareciam uma vingança besta e sem sentido. Sariema não ia mudar seu gênio por causa de um ou dos dias de caminhada rumo ao cruzeiro; no máximo se apiedaria dele, ofereceria um caldo de caridade revigorante e voltaria a saltar pelo terreiro, logo em seguida, movida pelo seu espírito jovem e despreocupado.

Afinal, por que começara tudo aquilo?

Alceu balançou a cabeça, empurrando os questionamentos para as partes, especialmente, obtusas de sua mente, onde não mais poderiam atormentá-lo. Deixou o saco de algodão no chão e postou-se diante da criança. Ela lhe ofereceu a mão e, juntos, como bons amigos que há muito esperavam o encontro, entraram na casa.

As poucos, aves que ainda se davam ao trabalho de dedicar a mínima atenção que fosse às aventuras do romeiro viraram-se em seus ninhos, procurando uma posição agradável. No outro dia comemorariam a vitória do homem; por hora, apenas dormiriam, embalados pelo frescor noturno.



PRIMAS

As gotas caíam em uma profusão desordenada; esparramavam-se nas lajes das casas, no chão de terra batida, repicavam nos telhados caiados, agarravam-se às árvores do terreiro. A água abria buracos no chão, pequenas entradas de minhoca, sulcando o que antes era tapete singular de coloração avermelhada. Não tardou muito e as pedras começaram a despontar, mostrando-se através do chão oculto, erguendo-se como espinhos da terra; a água passava por elas, tocando-lhes a fronte e seguindo o seu percurso, inabalável, como um carteiro que tem pressa em entregar uma correspondência da mais alta urgência.

As quatro crianças atravessavam o chão lamacento com cuidado, escorregando onde a terra era mais susceptível ao deslizamento, e onde o lodo aparecia com mais frequência. Cidinha carregava um galho de juazeiro na mão fina, usando-o para conferir a rigidez do solo onde deveria pisar, com toda a firmeza que mãe Dora lhe havia ensinado. As outras três, Marieta, Luzia e Maninha, não tinham tanta expertise, por isso ficavam atrás da mais velha, acompanhando seus passos com cuidado redobrado.

Passaram pela entrada da fazenda de seu Atarcísio, o velho rabugento que costumava expulsá-las de sua plantação de goiabas, e depois a estrada se revelou solitária, um veio de terra esburacada, abandonada pelas demais construções, que preferiam encarapitar-se nos pontos mais altos do morro. Elas estavam acostumadas a tomar aquele percurso; era o único seguro o suficiente para chegar até a CE, onde o ônibus da escola viria pegá-las. A parte mais complicada do trajeto, e na qual Cidinha evi-

tava pensar, era o leito caudaloso de rio que tangenciava a estrada. As pessoas chamavam-no de Maragogi, porque os gatos selvagens daquela região tinham o costume de banhar-se em suas águas, - outro pensamento incômodo, que Cidinha preferia manter longe de sua mente. Leôncio até se oferecera para acompanhá-las àquele dia, mas as quatro meninas recusaram o convite, alegando experiência e destreza na mata. Não era de todo mentira, mas a forma como a água caía e a cortina de chuva impenetrável que era a paisagem, fez sua coragem titubear.

Maninha parou de repente. Cidinha deu um passo corajoso adiante, sentiu a chuva tocar-lhe os longos cabelos negros e voltou atrás. Lançou um olhar inquisidor para a menina com o guarda-chuva, e Maninha retribuiu-a com sua dureza costumeira, com o desafio sempre empachado em seus olhos castanhos.

– Que foi? Eu truptiquei – disse ela na defensiva.

– Vai me fazer molhar os livros, desse jeito – bufou Cidinha.

– A culpa não é minha se tu não olha pra frente.

– E a culpa é minha se tu é lesada?

– Eu vou te dar uns croques...

– Ei, psiu! – disse Dora, de repente. As meninas a olharam, contrariadas. – Vê lá.

Ela apontava para o leito distante do rio, quase completamente oculto pela cortina de chuva. Uma sombra difusa fazia seu caminho pelo leito. Era pequena, magra e movia-se com uma rapidez surpreendente. Não podia ser um gato-do-mato, ponderou Cidinha, afinal eles só saíam

à noite e raramente eram vistos na luz do dia. Por outro lado, existiam algumas espécies de animais mais corajosas e audazes, bem menos arredias do que seria seguro para um grupo de crianças.

Elas observaram o animal percorrer a margem do rio, baixando a cabeça durante alguns segundos a fim de beber um pouco da água corrente, para então erguê-la novamente e farejar o ar. Houve um momento de tensão, no qual elas podiam jurar que a sombra se virara em sua direção, mas o medo se desfez em poucos segundos quando o animal disparou de volta para a mata fechada, sem olhar para trás uma única vez.

Marieta fez alguns movimentos rápidos com as mãos. Maninha traduziu.

— Sim, precisamos ir logo antes que outros desses bichos apareçam.

Elas rumaram para o rio, ainda mais atentas do que estiveram há poucos minutos, com a perspectiva de dar de cara com algum felino perigoso flutuando em suas cabeças quase como um sonho febril.

A chuva não amainara, e o rio seguia trepidante, arrancando os pedaços de barro em sua encosta, batendo violentamente contra os juncos com o som que só uma correnteza furiosa é capaz de emitir. As meninas se entreolharam, incertas sobre o que fazer. Geralmente era possível atravessar o rio a nado, tanto que elas já estavam praticamente preparadas para a tarefa; mas a outra opção, semioculta sob a fúria silenciosa da chuva, era a mais viável em um dia comum, e ficava a poucos metros de onde elas se encontravam.

Não era bem uma ponte, estava mais para um conjunto de troncos enredados por uma corda de cânhamo meio carcomida pelas intempéries do clima. De longe, quase não se podia vê-la, especialmente em dias como aquele. De qualquer forma, parecia a via mais segura, não fosse o fato de a ponte ser rebaixada e sua madeira ir de encontro ao rio. Deste modo, boa parte da superfície da via ficava submersa, atravessada pela furiosa correnteza.

– É a melhor forma – disse Cidinha, como se pudesse sentir também o receio das primas.

– Meu Jesus amado – balbuciou Maninha, balançando a cabeça. O guarda-chuva seguiu o movimento, tremulando sobre a cabeça das quatro.

– Cuidado aí – disse Dora, mas seus olhos fitavam a ponte, arregalados ante a perspectiva aterradora.

– Muito bem, vamos logo. Já o ônibus passa – interveio Cidinha, tentando imprimir na voz o pouco de coragem que sentia. O gesto pareceu surtir efeito: Maninha aprumou o peito, Dora concordou com um aceno e Marieta gesticulou um “sim” com as mãos.

Cidinha foi na frente, ainda tateando o solo com sua vara. Ali o terreno era mais acidentado, propício a quedas abruptas do solo e intervenções da lama recém-pisada pelo animal há poucos minutos. Maninha, alguns centímetros atrás, lançava as piores imprecações contra o tempo e as pessoas que não foram capazes de garantir uma travessia segura para o grupo; pensamento com o qual as outras garotas concordavam, em seu silêncio compenetrado.

Quando chegaram à altura da ponte, Cidinha deu um passo corajoso à frente, sentindo a correnteza. A água

parecia querer arrancar-lhe o chinelo, para descê-lo pelo rio até o desaguadouro e então reivindicá-lo para as suas profundezas. Contudo, ainda era possível manter-se de pé sobre a madeira, embora ela estivesse escorregadia e revestida de lodo.

– A gente consegue – avisou ela, por cima do ombro.
– Mas as meninas devem passar primeiro. As mais novas.

– Por quê? – perguntou Dora alarmada.

– Porque é mais fácil a gente pegar vocês desse lado do rio, caso a correnteza derrube todo mundo – explicou Cidinha pacientemente. – Não conheço o terreno do outro lado. Pode haver mais obstáculos do que aqui.

– Hum. – Dora coçou a cabeça loura, a expressão incerta. Tomada por um arroubo de coragem, ela concordou. – Tudo bem. Mas trate de usar essa vara pra segurar a gente, viu?

Cidinha acenou uma única vez e abriu espaço para a garota passar. Marieta veio no encalço. As duas pararam um tempo observando a ponte, a coragem vacilando, e então deram o primeiro passo, agarrando-se uma à outra com dedos que logo assumiram um tom avermelhado por causa da pressão.

Seus pés escorregavam na medida em que avançavam. Por um milagre, elas se mantinham firmemente em pé sobre a ponte, mesmo que o rio lutasse com todas as forças para empurrá-las dali.

Após alguns minutos de silêncio, o ar esticado com a tensão de uma corda de arco, as meninas alcançaram o outro lado da margem.

Respirando aliviada, Cidinha lhes acenou com respeito, e virou-se para Maninha, que ainda segurava seu guarda-chuva como se o objeto pudesse sair voando de suas mãos.

– Agora é a gente – informou Cidinha.

– Tu vai na frente.

– Certo. Vamos.

Ela pôs um pé na ponte, testando, depois o outro. A água atingia sua pele com violência obstinada, quase como um espírito da natureza, e parecia querer impedi-la de dar mais um passo que fosse. Reunindo forças, e bastante atenta para o olhar das outras meninas na margem oposta, Cidinha arriscou andar mais um pouco.

Não era possível ter certeza se Maninha a seguia, uma vez que olhar para a frente já exigia um esforço descomunal, mas Cidinha torcia para que as coisas estivessem dando certo para a garota. Por mais assertiva e rebelde que Maninha fosse, não seria divertido vê-la sendo arrastada rio abaixo, molhando-se toda e destruindo seu material escolar.

A travessia parecia arrastar-se por um tempo descomunal. Cidinha dava passos arriscados, esticando as pernas um pouco mais a cada centímetro percorrido, acercando-se da resistência de seus membros. Contudo, houve um momento em que arriscou demais, e seus pés falharam e ela caiu para o lado.

Uma vez, quando Cidinha tinha nove anos e mãe Verinha costumava deixá-la brincar no quintal de seu Atarcísio, bem antes do roubo de goiabas se tornar uma atividade corriqueira e desafiadora, as quatro garotas deram de subir na árvore mais alta do pomar. Era uma coisa absurda,

de troncos grossos e folhagem espessa, cheia de veios de madeira velha e buracos onde os vermes se enrodilhavam; portanto, era a coisa mais exuberante que já tinham visto.

Dora era medrosa, além de novinha, e por isso não se arriscou na empreitada. Marieta tinha acabado de voltar do hospital e ainda não podia se arriscar em coisas do tipo, então só restaram Cidinha e Maninha.

As duas não se davam muito bem na época. Viviam disputando a atenção de vó Eulália, brigando para ver quem era a mais amada, a mais mimada pelos caprichos da matriarca. Geralmente, quem vencía a luta era Maninha, e isso enfurecia Cidinha de tal modo, que sua atividade infantil favorita era moer a cabeça das bonecas de Maninha, transformando-as em pedaços disformes de plástico.

Naquele dia não era diferente. Vó Eulália costumava se gabar de seus tempos de menina, do seu jeito matreiro e das aventuras subindo nos pés de pau do terreiro da bisa. Ela estava sentada no alpendre da casa de muitos quartos, concentrada em suas linhas de tricô, e pouco ou quase nada da sua atenção era destinada às aventuras das meninas. Cidinha, no entanto, flagara-a lançando olhares por sobre o lençol no qual trabalhava, observando as garotas por alguns poucos segundos antes de voltar-se para a sua atividade.

Isso a enchera de orgulho. Queria mostrar para a avó que era boa como ela fora; que podia ser melhor do que Maninha até de olhos fechados. Foi com essas palavras que ela provocou a outra garota àquele dia, e esse foi motivo pelo qual Maninha sequer hesitou ao aceitar o desafio. Tinha alma competidora, queria também provar seu valor e manter seu reinado nos caprichos da avó.

As duas apostaram e então começaram a subida. Sopesaram os galhos grossos e finos com os olhos espertos, escolhendo caminhos arriscados e um tanto ariscos, à despeito do que faziam comumente, pois a necessidade de chegar ao topo da árvore era maior do que o senso de perigo.

Chegaram ao topo no mesmo minuto. Entreolharam-se. O que diriam lá embaixo, quando precisassem dizer quem venceu? Brigaram. Cidinha acertou a outra com um pontapé, e Maninha retribuiu como pôde, com uma onda violenta de chutes e socos. Cidinha se desequilibrou; um chute a atingiu no peito, e o galho sob o seu corpo tornou-se ar, deixando-a escapar pelo vazio. Ela ouviu o grito de Maninha, sentiu-se sendo tragada por um turbilhão invisível de névoa e vento, fechou os olhos e esperou o encontro fatal com o solo.

Contra todas as expectativas, sobreviveu. Os médicos classificaram-na como um milagre. Tornou-se a favorita da avó. Vencera.

No minuto em que sentiu o corpo bater contra a água, foi esse o primeiro pensamento que lhe veio à mente, mas agora eram garras que a mantinham presa abaixo da água, e era forte o seu aperto contra um peito de frágil porcelana.

Então uma nova mão a puxou de volta para a superfície; uma mão que carregava um guarda-chuva velho e encarquilhado, perfurado em alguns pontos e com hastes soltas como garras retorcidas.

— Segura — arquejou Maninha. Ela estava debruçada sobre o chão, seu objeto de valor inestimável aninhado sob seu corpo magro, os braços esticados em direção à garota afogada.

Cidinha engasgava e cuspiam, as mãos firmemente agaradas em algo que ela mal conseguia enxergar, enquanto seus ouvidos eram preenchidos pelo clamor da água e pelo grito distante de Luzia.

No pouco de consciência que conseguia romper a barreira letárgica do choque e do medo, Cidinha percebeu que a correnteza a arrastara apenas alguns poucos metros em direção à margem oriental do rio, não muito longe da ponte. Como Maninha conseguira apanhá-la com tanta rapidez, isso ainda permanecia velado pelo mistério, e a garota não tinha fôlego o suficiente para perguntar o que quer que fosse; seu único pensamento era nadar até a margem, da maneira que conseguisse com o corpo sendo jogado de um lado para o outro pela correnteza.

Fazendo um esforço descomunal, ela forçou as pernas a baterem, subindo e descendo em uma dança trôpega, ineficaz. Lutou por alguns segundos, os músculos protestando, a cabeça anuviada pelas intempéries circunvizinhas e pelo pensamento aflito de retornar à margem.

Após bons segundos de respiração presa, a garota conseguiu arrastar-se até a terra, mais pelo esforço de Maninha do que pelas suas próprias forças, uma vez que até o simples ato de manter os punhos fechados em torno do braço da prima parecia dolorosamente impossível. Arrastou-se um pouco mais, caiu por cima da ribanceira e sentiu o corpo ser arrastado através da lama e pelos juncos margeando o rio. Seu rosto estava em fogo, assim como a pele em contato com o solo, mas nada disso parecia claro dentro da nebulosidade dos seus pensamentos; tudo era empurrado para a marginal do fluxo, longe de qualquer clareamento de lucidez.

Ela foi virada de barriga para cima. Tossiu, e sentiu a água queimar ao ser exorcizada do seu corpo. Estava encharcada até os ossos, a mochila desaparecera rio abaixo e seus cabelos abriam-se em leque sobre a terra sulcada. Ainda assim, um sorriso aliviado cruzou-lhe o rosto momentaneamente. Sobrevivera. Mais uma vez.

— Fiquem aí — ordenou uma voz. — Já a gente atravessa e encontra vocês. Mas nada de atravessar esse troço.

Com o canto do olho, ela conseguiu vislumbrar Maninha, em um estado quase tão maltrapilho quanto o seu, cuspidando as palavras enquanto gesticulava indicando as garotas e o rio. Seus olhos se encontraram. A expressão preocupada de Maninha se desfez, revelando um rosto jovem, aliviado

— Você tá viva — disse isso como uma constatação banal, a despeito do brilho curioso de sua íris acastanhada, do tique que a fazia piscar repetidas vezes, sempre que se sentia nervosa.

— Tô — respondeu Cidinha peremptória. Queria tranquilizar a outra, deixar claro que estava bem.

— Voinha ia me matar se você... — Maninha desviou o olhar, concentrando-o na mata fechada à direita delas, onde o gato selvagem sumira fazia uma eternidade.

— Foi só nisso que pensou?

— Talvez. — Maninha mordeu o lábio. Sua pele estava mais pálida do que de costume, e seus olhos, fundos de inquietação. Não parecia a mesma pessoa espirituosa de sempre; havia um quê soturno em suas formas, no seu semblante contrariado, no cenho a franzir-se constantemente.

– Ei – chamou Cidinha, tocando-lhe a mão. A garota teve um sobressalto, como se o toque estivesse eletrificado, mas manteve a mão parada, encarando-a através de algum recôndito distante da mente. – Eu tô bem. Não foi nada demais.

– Eu sei. – Maninha titubeou, incerta sobre o que dizer. Optou pelo silêncio, deixando-o estender-se entre elas.

– Eu sei que você não fez de propósito – disse Cidinha, suscitando antigas memórias veladas pelos áureos anos. Hesitou. A atitude ainda soava-lhe correta, embora não com o mesmo vigor de outrora. – Foi um acidente.

– A vó não...

– Não importa. – Cidinha forçou-se a levantar, sentando-se sobre as pernas estendidas. A outra, agachada ao seu lado, manteve-se imóvel. – Eu sei o que houve, e não precisamos mais discutir sobre isso.

Maninha desviou novamente o olhar. O som do rio diminuía, conforme a chuva também amainava. As garotas do outro lado aguardavam, ansiosas, o retorno das demais. Flertavam com a ideia de atravessar novamente a ponte, mas o pensamento era afugentado pela perspectiva da ira de Maninha. Nenhuma delas ousava desafiá-la.

– Eu... Sinto muito – disse ela, por fim. Agora encarava Cidinha, e em seus olhos havia sinceridade e medo.

– Só temos umas às outras. Não podemos deixar que nada disso nos abale – respondeu Cidinha, um sorriso encorajador crispando-lhe os lábios. Tocou a mão da prima, afagando-lhe a pele com os dedos enrugados pela umidade. Maninha sorriu também.

Ali selaram um acordo. Permaneceriam juntas até o fim.



TESOURO

A botija ainda suscitava boas horas de conversa à luz da fogueira, especialmente, em noites como aquela, fria e cinzenta, atravessada por ventos cortantes e a promessa de chuva próxima. As crianças, geralmente, se mostravam mais interessadas no assunto, e por isso Zé Pedro era obrigado a repetir a mesma história diversas vezes, ora tirando e ora acrescentando detalhes, para deixá-la mais divertida e menos enfadonha. No entanto, mesmo que apenas desvelasse o mesmo discurso, palavra por palavra, noite adentro, ainda assim seu público se manteria fiel, apoiando-se em cada relato como se fosse único e inexplorado, um livro fechado implorando por ser aberto.

Juquinha era o mais ávido dos presentes. Sentava-se no toco ao lado de Zé Pedro, curvado para frente como se temesse perder palavra que fosse, enquanto a turma mantinha-se respeitosamente ereta em seus assentos improvisados, embora o mesmo brilho de divertimento e curiosidade pudesse ser observado em ambos os olhares. Em suas mentes, conseguiam visualizar com nitidez, cada detalhe narrado em cores tão vivazes, que pareciam pintadas a mão por um artista, tecidos com o primor que somente a imaginação pode cozer. Havia certa expectativa no ar; a espera silenciosa do desfecho de uma peça teatral. Os ouvidos ali detinham-se no poder de cada léxico, cada som emitido pelos lábios de Zé Pedro; e este, por sua vez, observava o impacto de sua história expandir-se como os anéis de movimento em um lago cristalino após a perturbação de uma pedra. Estava orgulhoso de si.

*Velha arretada
Recusou o vintém
A filha malograda
Chorou por seu bem
Do noivo o desgosto
Disse pro outro
“Tudo bem, tudo bem”.*

*Sagaz que só ela
Pensou a pequena
Se acaso roubasse da velha
Seu botija opulenta
O noivo recusa a bagatela
Não faz bem implicar com a velha
Respondeu a pequena “Que que tem, que que tem!”*

*“Da matriarca o dinheiro
Ao bem serviria
E festa pro povo
Com primor se faria
Casamento arrumado
Arroz pra todo lado
É festa, ‘Ave Maria, Ave Maria!’”*

— O que é matriarca? — perguntou Lisinha, a mais nova do grupo com seus seis anos e meio. Tinha os cabelos presos em duas tranças finas, rebrilhando sob a luz da lua, e sua pele negra estava tingida de suor por causa do calor da fogueira.

— É o mesmo que uma mãe, Lis. É a chefe de uma família, como a nossa — explicou Zé Pedro pacientemente.

Didido aproximou-se de Juquinha alguns centímetros para sussurrar-lhe:

– Pensei que era nome de bruxo, tipo Voldemort.

Juquinha riu, mas não respondeu, pois naquele momento Zé Pedro retomou sua história.

*O plano traçado
Sem falha aconteceria
O dinheiro bem guardado
Para o casório serviria
No quarto da saudade
Detrás dos retratos da mocidade
A botija haveriam de achar*

*Da noite o rebrilho
No terreiro o silêncio
Dois gatos furtivos
E uma sacola de alento
A porta rrangeu
Uma sombra correu
E no quarto o escuro como abrigo*

*Embaixo da cama
Atrás da poeira
A mulher tábua levanta
E o marido na soleira
Olhava para a velha adormecida
Que vez ou outra remexia
Em sono irrequieto*

*Tamanho foi o seu susto
Ao perceber que ali já não se encontrava
A Botija, garantia de futuro,
Que tropeçou no chão de cara
As cobertas derrubadas
A velha de venta amassada
Riu do conluio que tramara*

*“Pensas que sou boba
Para deixá-la tão bem revelada
Digo-te que de todas fui a mais esperta
E não verás do meu tostão uma nota rasgada
Escondi bem escondido
Longe da tua mão e a de teu futuro marido
A fortuna que venero”*

*Naquele momento sucedeu-se
Do riso da velha aumentar
Engasgou e queixou-se
De súbita falta de ar
Riu tanto que ficou roxa
As mãos tampando a boca
Para nunca mais soltar*

*Porque em seu último ato
Preferira a usura
E como assinado um trato
Teve castigo à altura
Rogou e pediu a Deus
Que ouvisse o grito seu
Mas do céu não veio resposta*

*Seu tesouro cobiçado
No sonho permaneceu
Pois de seu esconderijo arretado
Vivalma apareceu
Que dissesse “encontrei”
Para a alegria de quem a vez
Chegasse a hora de dizer “É meu!”*

Encerrado o cordel, a plateia prorrompeu em palmas. Zé Pedro agradeceu com uma reverência educada, acenando com o chapéu de boiadeiro, tal qual menestrel após uma bem feita apresentação. Depois sentou-se, à espera da onda de perguntas que agora sucederiam.

Lisinha foi a primeira a falar.

– O que é malogrado?

– É algo que não dá certo, que não atinge o seu objetivo – explicou ele. Gostava de atizar a curiosidade da criançada com novas palavras, porque em Monte Verde não havia biblioteca próxima, e o máximo de literatura circulando por ali era em formato de gibi. Havia muita coisa a ser aprendida, algumas lições valiosas que os quadrinhos conseguiam repassar, mas não era só de lição de moral que ele queria alimentá-los; era importante haver boa palavra, leitura construtiva, além de uma boa dose de recreação. Os cordéis eram a sua forma de ganhar a criançada e de fazê-las questionar algumas conjunturas; fazê-las pensar “igual adulto”, como dizia a dona Jacira.

– Eu queria achar a tal da botija – disse Juquinha, que até aquele momento apenas observara a discussão.

– O senhor disse que a velha era bisa Antonina?

– Diz dona Jacira que sim. – Zé Pedro assentiu com a cabeça. – É um caso antigo, da época que isso aqui tudo era mato e as coisas eram bem diferentes.

– Naquela época, nem televisão o povo tinha – interpôs Didido com ar de quem sabe das coisas.

– É verdade. Talvez por isso que essas histórias eram tão contadas. O que vocês fariam se não tivessem televisão e quisessem se divertir? – indagou Zé Pedro, olhando para cada uma delas.

– Subir no pé de pau – respondeu Lisinha de pronto. Parecia ter uma resposta na ponta da língua em toda ocasião, até quando não lhe falavam. Tinha espírito matreiro

e gostava de responder as coisas, exceto quando tinha alguma dúvida; nessas horas, preferia ficar calada e esperar que alguém a respondesse. Em último caso levantava a mão para mostrar que, afinal, não sabia tanto assim.

– Brincar com a baladeira – foi a vez de Didido responder, usando as mãos para encenar uma cena de tiro, com os dedos em formato de pinça puxando um elástico invisível, para depois deixar uma pedra, também invisível, atravessar o ar noturno, livre e poderosa.

– E você, Juquinha? – Zé Pedro virou o corpo completamente na direção do garoto. – O que faria se não tivesse televisão?

– Ia contar causo – respondeu Juquinha com convicção. – Ia atrás da botija, pra poder comprar um bocado de sorvete.

A turma caiu na gargalhada.

– É um bom uso do dinheiro – concordou Zé Pedro, enxugando os olhos com o dorso da mão.

– Eu ia comprar era uma ruma de bila – refletiu Didido, distraído.

– Bem, seja como for, já está tarde. – Zé Pedro conferiu o relógio de pulso. Passavam das dez horas, e dali a pouco, Dona Jacira apareceria com uma colher de pau na mão para acozá-los aos dormitórios. – Vamo indo, senão a vó já aparece.

– Zé Pedro – chamou Juquinha, quando o rapaz já se preparava para levá-los de volta à casa. Zé Pedro virou-se para ele, o cenho franzido. – Onde foi que a bisa escondeu a botija?

— Ninguém sabe direito — respondeu ele. Fez sinal para que os garotos o acompanhassem e, juntos, atravessaram o terreiro, tendo o céu de veludo negro como dossel, e a lua como lanterna. — Alguns dizem que debaixo do pé de juazeiro, aquele com tronco preto, cheio de espinho. Ficava na parte de trás da velha casa onde Antonina viveu, antes do pessoal demolir tudo.

Juquinha relanceou o olhar naquela direção. O caminho estava tão escuro que quase não se via coisa alguma, exceto os esqueletos recortados das árvores, balançando-se sob um vento suave e farfalhante. O juazeiro era a massa mais escura de todas, logo atrás de um pequeno descampado, onde pedaços de tijolos semienterrados despontavam do solo como raízes de velhas árvores. O escuro misterioso parecia chamar o garoto, atraindo-o para perto com a promessa de revelar os seus segredos mais escondidos, inclusive, a botija lendária.

Naquela noite a botija esteve flutuando na mente de Juquinha, entrando e saindo dos seus sonhos, visitando-o ora em uma praia quente, ora em uma floresta sombria. Ela o chamava, pedia que a encontrasse, implorava para que ele retirasse dela a mortalha do mistério e desvelasse o seu tesouro.

Em determinado momento ele decidiu ouvi-la. Levantou-se de um salto, correu os olhos pelo quarto às escuras e pôs um pé corajoso no chão. Ainda estava quente, então não podia passar das 00:00 horas; havia um leve rumorejar do vento fora da janela, acompanhado pelos sons da natureza que despertava ao cair da noite.

Juquinha caminhou até a cama de Lisinha e cutucou-a nas costelas. A garota acordou assustada, percorren-

do o quarto com os olhos acesos em busca de seu algoz. Juquinha conteve o riso e tocou-lhe o braço, na tentativa de acalmá-la.

– Tá tudo bem, sou eu – sussurrou no escuro.

Os dois faróis voltaram-se para ele. A compreensão acalmou-os, mas só um pouquinho: eles ainda cintilavam em sua direção quando a garota perguntou.

– O que foi? Tá aprontando o quê?

Ela o conhecia bem demais para deixar-se levar pelo sorriso tímido que surgiu nos lábios de Juquinha. Ele abanou a cabeça, deixando a farsa de lado e pondo-se na discussão que realmente importava.

– Eu quero achar a botija – disse ele.

– Não existe botija, Juca. Todo mundo sabe que é só um caso da vó...

– Não é só uma história. Eu sei disso. Ela veio me chamar no sonho.

Lisinha revirou os olhos.

– Foi?

– Você não precisa acreditar em mim.

– Então, por que me acordou? – desafiou ela.

– Porque... Eu queria deixar avisado – defendeu Juquinha, mas ele sabia que Lisinha era mais inteligente e não deixava nenhuma palavra passar nas entrelinhas.

– O que quer fazer? – insistiu ela.

– Quero que você me ajude a levar o Didido – respondeu Juquinha.

– Impossível. Ele num gosta de sair no escuro...

– A gente pega a lamparina da vó.

– Num vai dar certo...

Lisinha suspirou. O olhar do garoto era certo, ainda estava aceso e não ia se deixar abalar. Só havia uma solução para a querela.

Meia hora depois, os três saíam pela cozinha da avó, a parte mais esquecida da casa e a mais assustadora. Havia um fogão a lenha; um armário de madeira carcomido pelos anos, todo torto e com as portas arrebitadas pendendo perigosamente para fora; uma mesa de jacarandá, herança da bisavó; e uma porta de madeira incriminadora, rangendo na noite quando eles a abriram para sair para o quintal.

Lá fora, debaixo de uma abóbada de palha sustentada por poderosos troncos de coqueiro, eles se reuniram ao redor da lamparina, os rostos sombreando por causa do vento e da chama do objeto. Não havia ruído senão o da palha rumorejando, dos grilos crocitando, das cigarras matraqueando, dos insetos zumbindo ao redor dos garotos.

– Isso não vai dar muito certo – murmurou Didido, abraçando o próprio corpo. Ele estava apenas de calção, e sua pele parecia quase pálida na iluminação precária.

– Eu disse pra ele – retorquiu Lisinha, lançando um olhar penetrante para Juquinha.

– Vocês vão ficar ricos junto comigo, confiem – respondeu o garoto, usando seu melhor tom conciliatório.

A verdade era que ele estava subindo pelas paredes de emoção, e nada nunca parecera tão certo quanto a missão de encontrar o tesouro secreto e fazer bom uso dele. Só isso já valeria os olhares incisivos dos seus primos e a bronca que a avó daria quando descobrisse a façanha.

— Sendo assim, vamo logo. Voinha, às vezes, acorda no meio da noite pra beber água — advertiu Didido, e eles concordaram.

Saíram pela lateral da cerca, entre um espaço pequeno por onde os animais vez por outra costumavam escapulir. Abrir a porteira seria muito arriscado, porque ela geralmente rangia, como tudo mais naquela casa.

Agora no campo aberto, cercados pelo negrume da noite, eles rumaram para a direita, atravessando cascalho e areia. A frente da casa estava às escuras; mesmo assim eles passaram abaixados, correndo assim que puderam, a fim de evitar os olhares atravessados do avô que também acordava no meio da noite.

Longe das janelas da casa e da vigia constante, eles desataram a correr. Atravessaram o terreiro, a lamparina bruxuleando à frente nas mãos de Juquinha, e pararam de chofre na cerca seguinte. O garoto virou-se para os primos.

— Eu vou na frente, vocês vêm atrás.

— Não precisava nem dizer — disse Didido, olhando para a extensão de matagal com os olhos arregalados e cheios de medo.

Juquinha trepou pela cerca, apoiando bem os pés nos espaços entre o arame farpado, e guindou o corpo para a frente. Caiu com presteza, tão suave quanto seus anos de experiência permitiam. Ergueu a lamparina na frente dos

olhos, vasculhando a mata. Houve um leve farfalhar de folhas a um canto, mas a atenção do garoto foi atraída pelos arquejos de Didido ao tentar saltar a cerca. Dessa vez não houve cuidado ao alcançar o solo; Didido despencou com um baque surdo, e a mata respondeu com o arrastar de pés e o rumorejar de folhas.

– O que foi isso? – perguntou o garoto ao levantar-se do chão, limpando o fundilho do calção com as mãos trêmulas.

– Você, assustando os bichos – retorquiu Lisinha, caindo ao lado dele suavemente.

– A culpa não é m-minha – gaguejou Didido.

– Com certeza, não. – Lisinha revirou os olhos e passou por ele.

Juquinha ainda encarava a mata. Tinha quase certeza de que vira uma parede branca atravessar um espaço aberto entre duas árvores grandes, mas a confusão desviara seu foco e agora a impressão desaparecera. Fosse o que fosse, já sumira mata adentro.

– Vamo – disse ele, e rumou para o meio das árvores.

O juazeiro ficava na parte baixa de um morro, mas para chegar até lá era preciso subir uma pequena ribanceira, uma vez que as margens direita e esquerda eram de mata fechada e espinheiros. Lá no alto era possível que alguém da casa pudesse vê-los, caso a pessoa resolvesse espiar pela janela que dava para Oeste; coisa que raramente acontecia, porque aquela área esquentava bastante durante a tardinha e só voltava a esfriar tarde da noite. De todo modo eles não precisaram se preocupar com isso, tendo o esqueleto amorfo da velha casa como abrigo. Ali era mais frio e o vento batia com mais força nas paredes, assobiando entre as frestas,

erguendo-se do chão como um coro de vozes invisíveis. As folhas arrastavam-se no chão, rodopiando entre as pernas, e então desciam em um montículo morto e imóvel.

Juquinha não conseguiu evitar a onda de nervosismo que o acometeu. Ele não costumava ir para lá, ao menos não quando a lua estava tão escondida no céu e todos os adultos estavam dormindo. Lisinha e Didido compartilhavam da sua aversão, e ficavam olhando de um lado para o outro enquanto avançavam pelo terreno, como se algum terror pudesse saltar das sombras a qualquer momento.

Eles caminhavam em silêncio, atentos aos muitos sons da natureza. A respiração saía entrecortada, ruidosa, e de todos os ruídos, este era o mais humano.

O juazeiro erguia-se adiante, um prédio vestido de negro. Seus ramos volumosos estendiam-se para todos os lados, formando uma cobertura de folhas impenetrável. Diferentemente das outras árvores, ele mantinha-se imóvel, soberbo, em toda sua majestade e imponência.

Os garotos aproximaram-se dele, vacilantes, e rodearam seu tronco. Didido e Lisinha postavam-se um pé atrás de Juquinha, enquanto este acorava-se sobre o piso de terra para depositar a lamparina aos pés da árvore. A chama iluminou um pequeno espaço ao redor da madeira enegrecida, e ali Juquinha pôde ver os espinhos enrodilhando-se nas nódoas, subindo até perder-se de vista; no solo, viam-se apenas ramalhetes virgens desnudados pelo vento, suas folhas diminutas sacolejando de um lado para o outro. Não havia sinal de monte de tesouro, e tampouco de botija.

— E agora? — sussurrou Didido. Sua voz soava trêmula, e Lisinha deu-lhe uma cotovelada na barriga para fazê-lo parar de tremer.

— Agora, o bonitinho aí acha a botija — disse Lisinha.

Juquinha tateou o chão, escavou a terra e durante um tempo, tudo o que conseguiu foi sujeira embaixo das unhas e gotículas de suor escorrendo pelo rosto. Em certo ponto, cansados de esperar, seus dois acompanhantes puseram-se a trabalhar, e muito provavelmente teriam encontrado a tal botija, acaso tivessem um mapa ou pudessem trabalhar durante o dia.

As horas passavam-se, o vento começava a soprar enregelante, e nenhum sinal do tesouro. Só pararam de cavar quando um ruído alto os fez saltar, procurando com os olhos já acostumados com a penumbra algum sinal do visitante secreto.

— Tem alguém aí? — perguntou Juquinha, mas apenas o vento respondeu.

— Pega a lamparina — ordenou Lisinha, os olhos mal atrevendo-se a desviar a atenção do matagal em redor.

— Minha Nossa Senhora — balbuciou Didido. — Eu sabia que não deveria ter vindo...

— Agora é tarde — respondeu Juquinha, erguendo a lamparina na direção de um arbusto especialmente escuro.

A planta remexeu-se e um espaço vazio revelou algo vestido de branco. Na mesma hora as crianças desataram a correr, porque a coisa avançou contra eles.

Juquinha largou a lamparina no chão; Lisinha disparou como um torpedo e Didido sequer olhou para trás enquanto corria rumo à cerca. Nenhum deles parou para respirar, ignorando a falta de ar e a queimação nos membros inferiores, o vento cada vez mais gelado, ou as pedras que perfuravam

seus pés desprotegidos — haviam largado os chinelos também para correr mais rápido.

A cerca surgiu diante deles, segura e acolhedora. Juquinha saltou sobre ela rapidamente, seguido por Lisinha; Didido atrapalhou-se com os arames e conseguiu um belo corte na mão, mas ainda assim continuou sua maratona, arrastando-se por baixo da cerca. Saiu de lá todo sujo, o cabelo enredado com a poeira e os galhinhos desprendidos das plantas rasteiras.

Lisinha e Didido seguiam na cola de Juquinha, sem saber ao certo para onde estavam sendo conduzidos. Chegar até a casa poderia levar mais tempo do que dispunham, e em algum momento eles seriam encurralados pelo bicho; ao que podiam conjecturar, não havia segunda opção além desta. Juquinha, por sua vez, estava decidido a chegar ao menos até o pé de cajarana, que ficava na extremidade sul da casa da avó. Era uma árvore robusta, com galhos grossos o suficiente, para o peso das crianças e uma altura considerável para mantê-las longe do perseguidor. Por sorte, quando estivessem lá em cima, elas poderiam respirar um pouco e gritar pela ajuda dos adultos.

Juquinha foi o primeiro a subir, seguido pelo olhar confuso de Lisinha, que acabava de virar uma esquina. A dúvida durou apenas um segundo, e logo ela seguia em seu encalço, alçando um pé de cada vez e forçando os braços magros a içá-la mais e mais alto. Didido felizmente era ótimo no ofício, e conseguiu alcançar os primos em pouco tempo. Nenhum deles olhou para baixo até estar alto o suficiente, acima do telhado da casa e o mais longe possível do chão.

A criatura demorou o espaço entre uma respiração e outra para encontrá-los. Era grande, quadrada, repleta de pelos brancos e amarelados, onde a barba pontuda aparecia. Tinha dois chifres, dois olhos espertos e um rabo pequeno.

Fuçava o ar para farejá-los, mas em nenhum momento ergueu a cabeça para onde eles estavam.

– Ei, parece com o... – começou Juquinha.

– Bodão do seu Anastácio – completou Didido.

O bode de fato abanou as orelhas à menção do seu nome. Suas patas rachadas pisoteavam o chão aos pés da árvore, enquanto ele marchava de um lado para o outro, vez ou outra se erguendo nas duas patas para comer das folhas de um galho, especialmente, mais baixo que os demais.

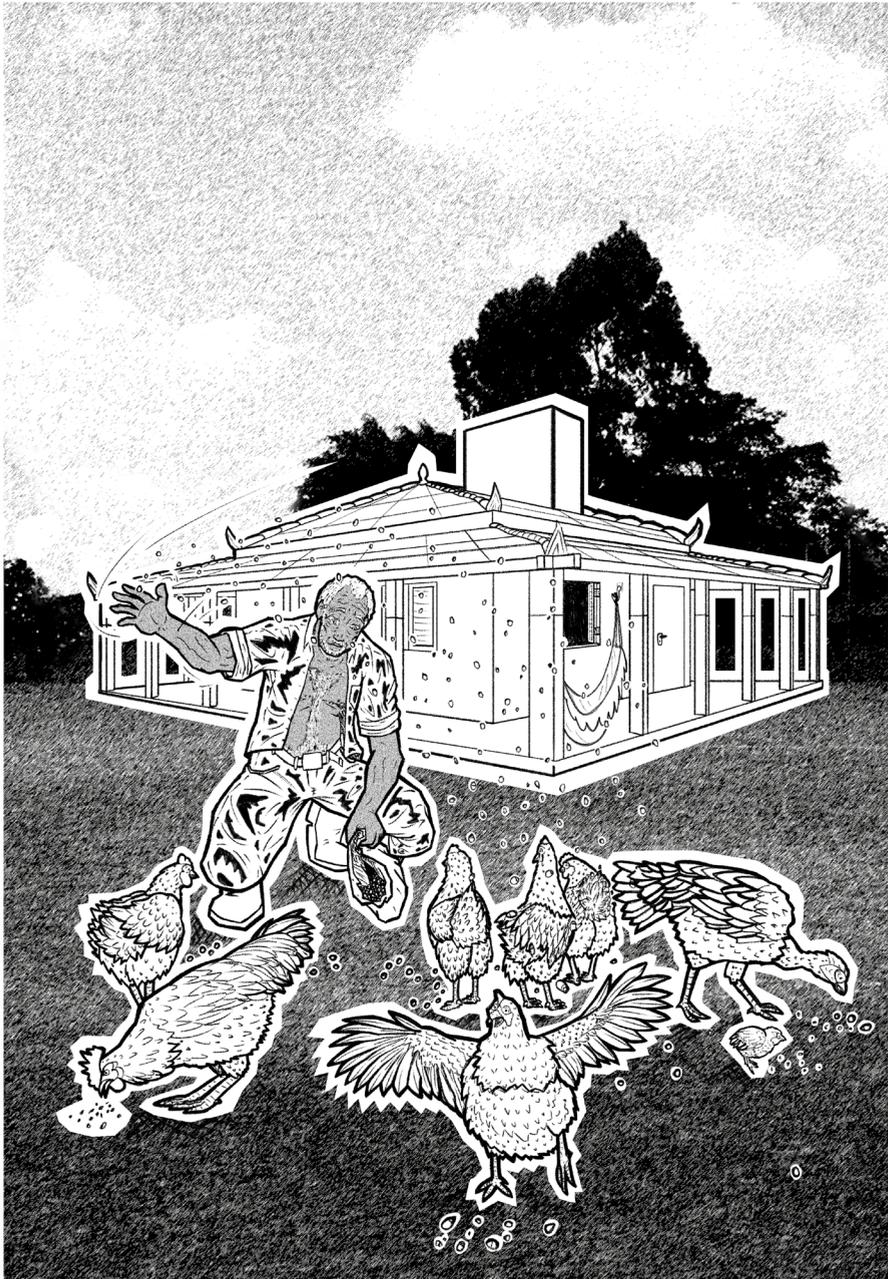
As crianças passaram um longo tempo ali. Não ousavam gritar por ajuda ou algo do tipo, porque a avó ficaria furiosa por ser acordada de madrugada por uma emergência boba como aquela, e eles seriam postos de joelhos sobre um punhado de caroços de milho e feijão; sem contar, é claro, a fuga noturna e a empreitada em busca da botija.

– E agora? – perguntou Lisinha, afobada.

– A gente não pode fazer nada! Voinha vai matar a gente! – respondeu Didido.

Juquinha refletiu por um tempo. Sempre tinha a resposta na ponta do dedo, mas, naquele momento, nada lhe ocorria, e o medo e o frio cravavam suas garras cada vez mais profundamente em seu coração palpitante.

Deste modo, sem alternativa, eles ficaram trepados na árvore até o dia amanhecer e Zé Pedro encontrá-los escondidos entre os galhos, afugentar o bodão, e enfim dar sinal para que pudessem sair, para então enfrentarem a fúria da avó e as gaitadas gostosas do primo mais velho.



MATRIMÔNIO

Ele acorda sempre nas horas frias da manhã. É o primeiro a ficar de pé, ao mesmo tempo em que o terreiro ganha vida com os grasnidos das galinhas e o som fraco dos pintos. Ele atravessa o quarto às escuras, evitando acender a luz para não acordá-la; isso não seria necessário, de qualquer modo, porque os raios frios da manhã atravessam a janela de vidro na parede e derramam-se no cômodo. Eles abraçam os móveis velhos, de madeira ainda marrom e envernizada; depois, atingem o chão e ganham forma, ondulando, tremeluzindo e ficando mais forte na medida em que os minutos avançam. Mesmo o piso de cimento batido pode refletir seu esplendor, não sem refratar e se perder, até não restar nada, senão uma réstia morna e frugal.

Ele capenga pelo corredor, depois de empurrar a porta com cuidado atrás de si. A casa parece fria e pálida, enegrecida na baixa luminosidade e inevitavelmente silenciosa. Os pés dele mascam o chão sem importar-se em calçar a chinela, porque o piso ainda está frio e dali a algumas horas isso se tornará um luxo olvidado.

A cozinha está às escuras. A mesa vestida com rendas floridas e arranjos em formato de fruta ocupa boa parte do aposento, e um conjunto de cadeiras têm o seu lugar fixo ao redor dela, como sentinelas paralisadas pela letargia noturna. O fogão fica a um canto, ao lado de um dos armários; o menor, para não ocupar a parede adjacente à porta do terreiro, que não possui mais do que dois metros de largura e cinco de altura. O maior armário ocupa a maior parede, defronte ao conjunto duplo de pias, uma para as roupas (porque ela não gosta de lavá-las no terreiro,

ao ar livre, sob a vigia constante dos olhares dos vizinhos), e outra para a louça (que apenas ela lava, porque ele evita passar mais do que algumas horas de pé). O freezer, presente dos filhos pelas bodas de ouro comemoradas no ano passado, fica na quarta e última parede, oposta à saída para o quintal e com outra porta menor para o banheiro. Sobre o freezer, a caixa de primeiros socorros exibe a cruz vermelha cingida há não muito tempo, ainda rescindindo a tinta e verniz. Se ele a tocar, o vermelho irá aderir à sua pele negra, deixando marca muito semelhante à que conservara pelos longos anos a serviço do exército.

Ele entra no banheiro, escova os dentes rapidamente e fixa o olhar no espelho por alguns instantes. Não o faz com frequência. Geralmente ele apenas relanceia os olhos pela superfície pálida, evitando deter-se ali por tempo demasiado longo. Não tem uma boa explicação para isso, é apenas algo com o qual aprendeu a lidar. No entanto, quando força a mente a vagar pelos espaços abarrotados de suas memórias, ele consegue vislumbrar o pai, embriagado, reclamar com a mãe dele dos filhos feios, totalmente diferentes dele, que era branco e possuía olhos azuis. As crianças escondiam-se na barra da saia da matriarca, quando davam o azar de estarem acordados quando ele voltava, ou ouviam tudo detrás de portas fechadas e paredes finas.

Balança a cabeça. Não quer reviver essas coisas, porque são águas passadas e o pai já encontrou seu caminho para o outro lado há demasiados anos. É com a mãe que ele sonha. É ela quem aparece frequentemente em seus pesadelos, chamando pelo seu nome, chorando no canto de uma parede, enquanto uma sombra difusa ergue uma mão em garra para golpeá-la. E são dela os olhos que agora o fitam, castanhos; é dela o cabelo preto encaracolado;

o nariz achatado e largo; a tez escura e os lábios grossos. O único despojo do pai é a compleição forte, madura, cheia de músculos e força.

Ele deixa o reflexo para trás e ruma para o terreiro. Uma neblina fina tinge o horizonte de branco translúcido, manchando as formas claras e tornando-as fantasmagóricas onde o vento as faz rodopiar e tremeluzir. O forro de terra espalha-se até onde a vista alcança; seu caminho é interrompido de quando em quando por pequenas construções de tijolo. Grandes tufos de capim crescem a intervalos regulares, e a alvura encontra o verde, depois o cinza e então o marrom. As palmas, à direita, trepidam ruidosamente, seu som lembrando o bem-vindo *Clap! Clap!* das gotas de chuva no telhado; elas ora balançam para a direita, ora para a esquerda, em um sincronismo marcado pela maestria inexorável do vento, que agora corre a toda pelos espaços abertos, levantando poeira e cascalho.

Respira fundo, e o ar que sai de suas narinas se condensa diante dos seus olhos. Raios de sol rompem a barreira de nuvens lá no alto, para incidir sobre a sua pele exposta, esquentando-a. Ele atravessa o terreiro, rumo ao espaço reservado para as galinhas. Elas se amontoam ao vê-lo aproximar-se, fazendo bastante barulho enquanto empurram umas às outras na tentativa de alcançá-lo. Ele se curva e apanha o saco com o milho. Desamarra-o, endireita novamente a coluna e apanha um punhado generoso, para então arremessá-lo no círculo dos animais.

A luta é furiosa. As galinhas, em polvorosa, aglutinam-se ao redor da comida, berrando, piando, cacarejando. Ele as observa por algum tempo. O cercado delas, como tudo na casa, não é tão grande, embora seja largo o suficiente para abrigar uma vintena de aves. Ali, elas podem

andar a passos largos, dispersar-se quando necessário e fazer da cerca demarcando o espaço de poleiro, quando o principal, que ele mesmo construiu, está lotado.

Joga mais dois bons punhados e depois se afasta, dirigindo-se para a cozinha. A mulher já está acordada, batendo as panelas no fogão, lavando alguns restos de louça, enquanto a água do café esquentava.

Ele pergunta amenidades, quer lembrar de um compromisso na cidade grande, que naquele momento lhe foge à cabeça. Ela responde com palavras rápidas e rudes, porque não se sente muito inclinada a dar grandes explicações àquela hora. Ele tartamudeia, mas decide deixá-la em paz. Não faz bem forçá-la, de maneira alguma.

Tomam o café sentados na mesa do lado de fora, rente à parede. Ele rompe o silêncio.

— Já decidiu o que vai fazer?

— Não. — Ela balança a cabeça. — Mas parece que a gente não tem mais escolha.

— Humpf. — Ele esbraveja. — Esses meninos querem decidir tudo pela gente. Se você quisesse, ainda poderíamos ficar.

— Já pensei nisso — diz ela, encarando-o com seus olhos esverdeados, que na verdade eram castanhos antes da catarata obrigá-la a usar lente. — Talvez eles tenham razão.

Ele pensa por um momento. O vapor do café se dissipava no ar, o vento sopra mais e mais forte, conforme o sol descreve seu caminho pelo céu. Ele gostaria de recusar, de retorqui-la. Em outros tempos, eles haviam sido bem mais fortes, espertos, sempre agindo, trabalhando, manusean-

do máquinas e artífices. Agora, as mãos eram trêmulas demais; a coluna, tão frágil que ao menor desequilíbrio podia partir-se; os olhos, cansados demais para ler nas entrelinhas, nos rótulos dos remédios e, o que acontecia com cada vez mais frequência, ler as mensagens pixeladas do visor do celular.

A consciência dessas coisas atingia-o em ondas causticantes. Nunca fora contra envelhecer; o tempo, em olvidados anos, havia sido um bom amigo e companheiro de longa data. Mas naqueles tempos, quando tudo o mais era consumido pelo passar rápido das horas, dos dias e das semanas, ele sentia o seu peso descer-lhe como uma mortalha: para onde olhasse, havia apenas esquecimento e fraqueza.

Ele a encara, vê suas rugas, os anos desvelando-se em um amontoado de pele flácida e pálida. O que antes fora rijo e forte, hoje é fraco e quebradiço; não há espaço livre dessas marcas, e essa é agora a principal informação que perpassa pelos seus olhos.

— Eu não quero ir — ele fala, sem pensar. Não tem certeza do que diz, mas algo de si o faz acreditar que é verdade. Não há uma só parte dele que fique feliz em partir.

— A gente lutou pelo nosso cantinho. — Os olhos dela vão dele para o terreno ao redor, perscrutando o lugar como se o visse pela primeira vez. Ele mantém o olhar fixo nela, cômico de que poderá ceder às lágrimas caso olhe demais. — E, mesmo assim, parece que nunca o tivemos de verdade.

— É como o tempo e os anos, querida — ele confirma.
— Nós achamos que “temos” tantos anos, mas, no fundo, são os anos que nos têm.

– O Eduardo vive dizendo isso – comenta ela, bebericando o café.

– Não é só você que sabe escutar as pessoas – diz ele. Toma mais um gole do café, deixando o silêncio entre eles estender-se por alguns segundos.

As nuvens deslizam vagarosamente pelo céu, predizendo um dia de bastante calor e ventania – caso eles tenham sorte. Ao meio dia, com o sol no seu ápice bem no centro do firmamento, o ar costuma ficar carregado de calor, e mesmo a brisa mais marota, carrega um ardor pouco agradável característico da época.

– A gente vai deixar os bichos com quem? – ela pergunta, como se o acordo já estivesse selado, como se eles já tivessem chegado em alguma conclusão.

Parece inevitável, ele reflete. Não há muito mais que se possa fazer, exceto anuir e deixar que a vida conflua por seus caminhos misteriosos.

– Podemos vender – ele sugere, fazendo careta. A ideia não o agrada. – Mas só alguns. Quero levar umas galinhas.

– A Rosa tem um quintal grande – ela reflete. – Dava pra criar por lá.

– Tá ótimo pra mim, então.

– E o resto das coisas? – ela pergunta, entornando as últimas gotas de café. Deposita a xícara sobre a mesa e esconde as mãos entre os joelhos, tal qual costuma fazer quando está com frio, ou receosa por alguma decisão importante.

– O Francisco leva. Ele tem dirigido o caminhão de mudanças do Flávio. – Ele vai dizendo essas coisas

intercalando com goles pequenos, apenas para desanuviar a mente e destravar o estômago. É importante conversar sobre coisas sérias com os pensamentos clareados e lúcidos.

— Acho que ele não deve cobrar muito, só o preço da gasolina.

— É o certo, não é? — ela observa. — O menino precisa pagar as contas.

Ele não contesta. Sabe que a devoção cega dela é mais obstinada que o crocitar dos corvos sobre uma carniça; do que a ladainha das viúvas nas festas do Senhor do Bonfim.

— E quem vem pegar a gente? — ele pergunta.

— O meu primo, Lindomar, tá fazendo frete entre Quixadá e Fortaleza — ela explica, agora tamborilando uma mão sobre a mesa, enquanto a outra apoia o queixo. Suas unhas são cinzentas, grossas, e não veem a manicura há um tempo demasiadamente longo. Isso não o enoja; pelo contrário, torna-a única, singela, especial. Como as mulheres, para ele, deveriam ser.

— Quanto?

— Cem, por pessoa.

— É muito caro — ele rebate.

— Ele vem pegar a gente aqui na porta de casa, e só despacha na porta do destino — ela defende, a rigidez frisando cada palavra como se fosse um xingamento. Ela costuma se afobar quando ele não a entende de primeira.

— Parece bom, então — diz ele pacientemente.

— E é — ela sentencia, batendo a mão com um pouco mais de força.

A última fração do café é entornada, e ele endireita as costas, já rígidas pelos poucos minutos de inércia. Ela zapeia pelo celular, aguardando o primeiro toque. Quando ele vem, pontualmente às 6h10min, ela atende de pronto e a voz de Rosa pode ser ouvida do outro lado da linha.

— Deus te abençoe, minha filha... — ela vai falando, e ele deixa a atenção percorrer outro caminho, detendo-se no alpendre e na miríade de objetos largados rente às paredes.

A ideia de percorrer a casa de alpendres foi dele. Era um sonho de criança. Naquela época, apenas um teto roto de palha protegia-o e aos irmãos da fúria da natureza, enquanto as paredes tortas de barro mantinham os animais do lado de fora, ao menos os que eram grandes demais para esgueirar-se pelas frestas. Desde então ele nutria o desejo de ter uma casa de verdade, onde pudesse armar rede e, futuramente, onde os filhos poderiam descansar e trazer família.

Então, veio o casamento aos dezoito, (ela tinha dezesseis), e o generoso dote do pai dela. O terreno todo era uma confusão de donos e herdeiros, mas a parte setentrional dele, entre a casa de Danuza e Alberto, fora demarcada desde quando ela tinha sete anos e o pai reconheceu a necessidade. Agora ele pertencia a ambos, embora fosse a família dela quem ocupasse todas as casas ao redor. Um primo ou outro dele, ainda residia por aquelas bandas, mas estes eram poucos, e já não se aventuravam a sair de casa como outrora.

A vontade dele era reivindicar o terreno e construir sua fortaleza no mesmo instante. O destino, no entanto, tivera outros planos e o fizera percorrer várias léguas até a capital, numa procura bastante frutífera por trabalho remunerado. Uma sorte de empregos veio e se foi, e os anos

foram acumulando dinheiro, posses e filhos. Uma onzena deles. Viviam bem, à princípio, mas as dificuldades logo bateram à porta e a vida adquiriu tons de cinza. Mesmo assim, ele não se deixou abater. Continuou trabalhando, comprou casa, fez o que pôde para dar educação aos filhos. Volta e meia sonhava com o sertão, com a casa dos seus sonhos e os planos malfadados que cozera em juventude. Nunca o abandonou o desejo de voltar.

A oportunidade surgiu muito tempo depois. Já estava curvado, tinha os ombros caídos, uma barriga proeminente e uma vontade latente de voltar para o que lhe fora roubado pela miséria. Muniu-se de coragem, anunciou o desejo para a família e, com o dinheiro que ganhara alugando casas, iniciou a construção do seu palacete. A empreitada toda durou apenas alguns meses, e ele precisou fazer várias viagens para assegurar-se de que o trabalho estava sendo bem feito. Atentava-se em cada detalhe, habilitado pelos anos de construção civil e serventia para dar sugestões precisas e, na maioria esmagadora das vezes, necessárias.

Sem mais atrasos, e depois do que parecera correr de séculos, a obra foi concluída. Eles se mudaram. Ela estava deslumbrada com a construção, porque saíra tal qual ele desenhara com lápis e giz. Era toda arrodada de alpendres, cada coluna possuía um armador ou dois, e o terreno atrás esperava apenas pelas novas sementes e mudas para geminar em vida e cor.

Depois de tanto tempo, é difícil dizer adeus. Ele não sabe como fazê-lo. Dos golpes do tempo, este é o pior. E, de todas as suas desventuras, não há nenhuma de que recorde tanto dissabor — se bem que, a essa altura, pouco ainda ele consegue recordar. A memória tornou-se escassa, e o resto é pó enterrado pelas areias do tempo.

INESP

INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE
O DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO CEARÁ

João Milton Cunha de Miranda

Diretor Executivo

EDIÇÕES INESP

Ernandes do Carmo

Orientador da Célula de Edição e Produção Gráfica

**Cleomarcio Alves (Marcio), Francisco de Moura,
Hadson França, Edson Frota e João Alfredo**

Equipe de Acabamento e Montagem

Aurenir Lopes e Tiago Casal

Equipe de Produção em Braile

Mário Giffoni

Diagramação

José Gotardo Filho e Valdemice Costa (Valdo)

Equipe de Design Gráfico

João Victor e Thais Lúcio

Estagiários

Rachel Garcia Bastos de Araújo

Redação

Valquiria Moreira

Secretaria Executiva / Assistente Editorial

Manuela Cavalcante

Secretaria Executiva

Luzia Lêda Batista Rolim

Assessoria de Imprensa

Lúcia Maria Jacó Rocha e Vânia Monteiro Soares Rios

Equipe de Revisão

Marta Lêda Miranda Bezerra e Maria Marluce Studart Vieira

Equipe Auxiliar de Revisão

Site: [http://www.al.ce.gov.br/index.php/institucional/
instituto-de-estudos-e-pesquisas-sobre-o-desenvolvimento-do-ceara](http://www.al.ce.gov.br/index.php/institucional/instituto-de-estudos-e-pesquisas-sobre-o-desenvolvimento-do-ceara)

E-mail: presidenciainesp@al.ce.gov.br

Fone: (85) 3277-3701



ALECE
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
DO ESTADO DO CEARÁ

Assembleia Legislativa do Estado do Ceará
Av. Desembargador Moreira 2807,
Dionísio Torres, Fortaleza, Ceará, CEP 60.170-900
Site: www.al.ce.gov.br
Fone: (85) 3277-2500

Famílias de fontes usadas nesta obra:

- Book Antiqua, por Monotype Type Drawing Office © (copyright);
- Cordel Encarnado, por Galdino Otten © (copyright, seguindo a licença gratuita para uso pessoal, pois esta publicação é distribuída gratuitamente, não comercialmente, sem fins lucrativos e voltada a literatura cultural e educacional);
- Xilosa, por @mizifi_ / atilamilanio.com © (copyright, seguindo a licença gratuita, pois esta publicação é distribuída gratuitamente, não comercialmente, sem fins lucrativos e voltada a literatura cultural e educacional).







ALECE

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
DO ESTADO DO CEARÁ

Mesa Diretora
2021-2022

Deputado Evandro Leitão
Presidente

Deputado Fernando Santana
1º Vice-Presidente

Deputado Dannel Oliveira
2º Vice-Presidente

Deputado Antônio Granja
1º Secretário

Deputado Audic Mota
2º Secretário

Deputada Érika Amorim
3ª Secretária

Deputado Apóstolo Luiz Henrique
4º Secretário

EDIÇÕES
INESP
DIGITAL



Escaneie o QR CODE
e acesse nossas
publicações

